



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOLOGIA E
TEORIA LITERÁRIA



CAMILA SCHWANKE

**RETOMADAS ANAFÓRICAS DE OBJETO DIRETO EM PORTUGUÊS
BRASILEIRO ESCRITO**

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero

Porto Alegre, 2016.

Dedico este trabalho à minha
amada avó, Ângela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar comigo em todos os momentos. A Ele e Maria agradeço pelas bênçãos e pela luz no meu caminho.

Agradeço também:

Ao professor Gabriel de Ávila Othero, pela orientação e parceria nesta pesquisa e pela confiança em meu trabalho. Obrigada por compreender e respeitar minhas escolhas.

À professora Elisa Battisti, pela oportunidade de trabalharmos juntas e pelo grande aprendizado adquirido durante a Monitoria.

Aos demais professores da graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que contribuíram para meu crescimento.

À professora Maria José Bocorny Finatto, pelo valioso Projeto PorPopular, e à professora Solange Mendes Oliveira, por gentilmente ceder seu *corpus* de redações escolares para este estudo.

Às minhas colegas e eternas amigas de graduação: Marine, Kaiane, Rosana e Ana Júlia. Obrigada pela parceria construída, por dividirmos nossos momentos de ansiedade e insegurança e por sermos as maiores incentivadoras e admiradoras umas das outras.

Às colegas de pesquisa, Ana e Mônica, que carinhosamente me acolheram e se tornaram minhas grandes parceiras e amigas.

À UFRGS, pela oportunidade de estudo; ao CNPq, pela concessão de bolsas de pesquisa que financiaram meus estudos.

Aos meus amados pais, Vanir e José Luiz, que jamais mediram esforços para me proporcionar sempre o melhor. A vocês, toda a minha admiração e gratidão: por serem minha âncora e a razão de todo o meu empenho em seguir em frente. Essa conquista é nossa.

Ao meu amor, Lipe, por colorir meus dias cinzentos e me ensinar a ser uma pessoa melhor.

À minha querida avó, Ângela, por ser minha fortaleza e inspiração.

RESUMO

Segundo Cyrino (1994/1997), desde o século XIX podemos atestar uma mudança diacrônica em relação ao quadro pronominal brasileiro. Os clíticos acusativos de terceira pessoa ('o', 'á') estão em desuso na fala em português brasileiro (PB) e cederam espaço para outras duas estratégias de retomada anafórica na função de objeto direto de 3ª pessoa: (a) o uso do pronome pleno ('ele', 'ela') e (b) o uso de uma categoria vazia, o chamado objeto nulo (ON) - cf. Duarte, 1989, 1993, Cyrino 1997, 2003, etc.

A escolha pela retomada anafórica de objeto com pronome ou objeto nulo não é aleatória. A literatura corrente sobre o assunto aponta para o fato de que há uma tendência muito forte em direção a um fenômeno de distribuição complementar, condicionada por traços semânticos e discursivos do referente sendo retomado. Há duas hipóteses principais para explicar o fenômeno: (i) a hipótese dos traços de animacidade e especificidade do referente (cf. Duarte 1989, 1993, Cyrino 1993, 1994/1997, Schwenter & Silva 2002, entre outros) e (ii) a hipótese do gênero semântico (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015) como condicionadores do uso de pronomes plenos e objetos nulos em PB.

Com o objetivo de verificarmos se essas estratégias relativamente inovadoras e mais comuns em língua falada, a saber, pronomes plenos e ONs, já estão consagradas ou presentes de maneira significativa em língua escrita padrão, este trabalho se dedica a uma análise de *corpora* de jornais populares – Jornal Diário Gaúcho e Jornal Massa! – e de 88 redações escolares infantis de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (com base em Oliveira 2007). Nossos resultados mostram que o pronome clítico tem a tendência de se manter no discurso escrito, indicando que o grau de escolarização e normatização ainda é muito forte na mídia impressa popular. Mas, em relação ao objeto nulo, a hipótese do gênero semântico parece promissora, pois explica o fenômeno de retomada anafórica de uma forma mais econômica, a partir de um único traço, e de uma forma mais natural, pois diz respeito a um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica. A estrutura discursiva também se mostrou importante, além das características semântico-pragmáticas dos referentes.

Palavras-chave: retomada anafórica; objeto nulo; português brasileiro; língua escrita padrão.

ABSTRACT

According to Cyrino (1994/1997), since the 19th century we can attest a diachronic change in relation to the usage of Brazilian Portuguese pronouns. The accusative clitics for the third person ('o', 'a') are falling into disuse in the speech of Brazilian Portuguese (BP) and they gave space to two strategies to recover an anaphoric element in a direct object position for the third person: (a) the use of the full pronoun (he 'ele', she 'ela') and (b) the use of an empty category, the null object (NO) – according to Duarte, 1989, 1993, Cyrino 1997, 2003, etc.

The choice of using the full pronoun or null object is not random. The literature points to the fact that there is a very strong tendency towards a phenomenon of complementary distribution, which is constrained by semantic and discourse features of the referent that is being recovered. There are two main assumptions to explain the phenomenon: (i) the assumption of features of animacy and specificity of the referent (cf. Duarte 1989, 1993, Cyrino 1993, 1994/1997, Schwenter & Silva 2002 among others) and (ii) the assumption of the semantic gender feature (cf. Creus & Menezzi 2004, Pivetta 2015), as conditioners of the use of full pronouns and null object in BP.

In order to verify whether these relatively innovative strategies and more common in spoken language, i.e. full pronouns and NOs, have already been established or are present in written standard language in a significant way, this work is concerned with the analysis of corpora from popular newspapers - *Jornal Diário Gaúcho* and *Jornal Massa!* – and from 88 school essays from 1st to 4th grade of Elementary School (based on Oliveira 2007). Our results show that the clitic pronoun has the tendency to be in the written discourse, indicating that the level of education and standardization is still very high in the popular press media. However, in relation to the null object, the assumption of semantic gender feature seems promising, because it explains the anaphoric recovery phenomenon in an economic way, from a single feature, and in a more natural way, as it concerns an agreement process between the preceding element and the anaphoric form. The discursive structure has also proven to be important, as well as the semantic-pragmatic characteristics of the referents.

Key-words: anaphor; null object; Brazilian Portuguese; written standard language.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1: Mudança na retomada anafórica	16
Figura 2: Exemplo de lista de retomadas anafóricas com objeto nulo no <i>corpus</i> do DG	33
Figura 3: Exemplo de lista de retomadas anafóricas com clíticos no <i>corpus</i> do Massa!	35
Gráfico 1: Correlação entre pronomes e objetos nulos ao longo do tempo	15
Gráfico 2: Correlação entre explicitação do sujeito e apagamento do objeto ao longo do tempo	16
Gráfico 3: Distribuição entre ON e pronomes nos dados totais dos <i>corpora</i> dos jornais populares	37
Gráfico 4: Distribuição entre pronomes clíticos e pronomes plenos nos dados totais dos <i>corpora</i> jornalísticos	38
Gráfico 5: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos <i>vs.</i> pronomes	41
Gráfico 6: Traço [gênero semântico] e ocorrências de objetos nulos <i>vs.</i> pronomes	42
Gráfico 7: Traço [gênero semântico] e objetos nulos em nossos <i>corpora</i>	43
Gráfico 8: Traço [gênero semântico] e pronomes em nossos <i>corpora</i>	43
Gráfico 9: Distribuição entre ON, pronomes plenos e clíticos nos dados totais do <i>corpus</i> de redações escolares	47
Gráfico 10: Traço [gênero semântico] e objetos nulos em nosso <i>corpus</i> de redações escolares	49
Gráfico 11: Traço [gênero semântico] e pronomes em nosso <i>corpus</i> de redações escolares	49
Gráfico 12: Retomadas por pronomes clíticos em nossos dados totais	58

Tabela 1: Frequência da retenção do objeto direto anafórico em cinco momentos históricos	14
Tabela 2: Objetos nulos no tempo	14
Tabela 3: Distribuição de posições nulas <i>vs.</i> preenchidas	14
Tabela 4: Objeto nulo <i>vs.</i> pronome no <i>corpus</i> do PEUL	23
Tabela 5: Anáfora de objeto em PB	23
Tabela 6: Constituição do <i>corpus</i> analisado	29
Tabela 7: Total de dados conforme as variantes analisadas	30
Tabela 8: Distribuição das variantes usadas segundo o traço semântico do antecedente	31
Tabela 9: Ocorrências de pronomes clíticos de 3ª pessoa em relação à série da criança	31
Tabela 10: Total de ocorrências de retomada anafórica em nossos <i>corpora</i> DG e Massa!	36
Tabela 11: Ocorrências totais de categorias vazias <i>vs.</i> pronomes em nossos <i>corpora</i> de jornais	37
Tabela 12: Ocorrências totais de tipos de retomada anafórica nos <i>corpora</i> DG e Massa!	38
Tabela 13: Tipos de referentes e retomadas dados totais <i>corpora</i> jornais DG e Massa!	39
Tabela 14: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos <i>vs.</i> pronomes em nossos <i>corpora</i> de jornais	40
Tabela 15: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo <i>vs.</i> pronomes	42
Tabela 16: Traço [animacidade] e ocorrências objeto nulo <i>vs.</i> pronomes nos <i>corpora</i> de jornais	44
Tabela 17: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos, pronomes plenos e clíticos em nosso <i>corpus</i> de redações escolares	48

Tabela 18: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo, pronomes plenos e clíticos no <i>corpus</i> de redações escolares	48
Tabela 19: Pronomes clíticos em relação à escolarização encontrados em nossa análise	50
Tabela 20: Dados totais ocorrências de referentes [-gs] retomados com pronomes	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OBJETO NULO	13
1.1 Retomada anafórica	13
1.2 Objeto nulo	17
1.3 Os traços semântico-pragmáticos	20
1.3.1 Animacidade e Especificidade	20
1.3.2 Gênero Semântico	24
2 CORPORA E ANÁLISE DOS DADOS	27
2.1 <i>Corpora</i>	27
2.1.1 A pesquisa de Oliveira (2007)	29
2.1.2 Metodologia	32
2.2 Análise dos dados	35
2.2.1 Resultados	36
2.2.2 Hipótese dos traços de animacidade e especificidade	39
2.2.3 Hipótese do gênero semântico	41
2.2.4 <i>Corpus</i> de redações escolares	46
3 DISCUSSÕES INTERESSANTES	51
3.1 Análise dos casos “destoantes” com pronomes	51
3.1.1 Concordância ideológica	52
3.1.2 Grupos (coletivos)	53

3.1.3 Acessibilidade do referente	54
3.1.4 Outros casos	57
3.2 Análise dos casos “destoantes” com ONs	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	67
Anexo 1: Análise de dados – Jornal Diário Gaúcho	67
Anexo 2: Análise de dados – Jornal Massa!	72
Anexo 3: Análise de dados – Redações escolares	77

INTRODUÇÃO

Em português brasileiro, doravante PB, a retomada anafórica de um referente de 3ª pessoa na função de objeto direto pode ser realizada (i) por pronome clítico ('o', 'a'), (ii) por pronome pleno ('ele', 'ela') ou (iii) por uma categoria vazia, o chamado objeto nulo (ON), sendo essas duas últimas estratégias relativamente inovadoras e mais comuns em língua falada (Cyrino 1994/1997, Schwenter & Silva 2002, Casagrande 2007, 2012, Figueiredo Silva 2009). Através de estudos diacrônicos do português, outros autores (como Tarallo 1983, Duarte 1989 e Nunes 1996, por exemplo) mostraram que os clíticos estão em desuso e que, em seu lugar, o ON e o pronome pleno são as principais estratégias para a retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa na gramática do PB.

A escolha entre objeto nulo *vs.* pronome (plenos e clíticos) não se dá de forma aleatória. Como diversos trabalhos na literatura sobre o assunto apontam (cf. referências citadas no parágrafo anterior, por exemplo), há uma tendência muito forte de este ser um fenômeno de distribuição complementar, condicionado por traços semântico-pragmáticos do antecedente retomado. Na literatura sobre o ON, encontramos duas hipóteses em relação aos traços semântico-pragmáticos condicionadores da escolha entre pronomes *vs.* ONs, a saber, a hipótese dos traços de animacidade e especificidade (Duarte 1989, Cyrino 1994/1997, Schwenter & Silva 2003) e a hipótese do gênero semântico (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015, Ayres 2016).

A fim de verificar se essas estratégias relativamente inovadoras e mais comuns em língua falada já estão consagradas ou presentes de maneira significativa em língua escrita padrão, este trabalho se dedica a uma análise de *corpora* de jornais populares – Jornal Diário Gaúcho e Jornal Massa! – e de 88 redações escolares infantis de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, também para investigar como se dá a retomada anafórica no processo de aquisição do português brasileiro escrito.

Nossa hipótese é de que o uso de ONs já deve aparecer na escrita, ainda que os clíticos sejam maioria. Buscamos analisar nossos dados a partir das duas hipóteses existentes na literatura sobre o condicionamento da retomada anafórica de objetos diretos em PB, acreditando que a tese do traço gênero semântico deve explicar o fenômeno da distribuição entre categoria vazia *vs.* pronome de maneira mais adequada ou mais econômica (cf. Othero, Ayres, Schwanke & Spinelli 2016a, 2016b). Em sendo assim, quando o antecedente possuir

gênero semântico, será retomado por um pronome; caso contrário, será preferencialmente retomado por um objeto nulo.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: no capítulo 1, caracterizaremos o objeto nulo e discorreremos sobre os tipos de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB. Além disso, discutiremos as hipóteses encontradas na literatura em relação aos traços semântico-pragmáticos que parecem ser condicionadores da escolha entre pronomes *vs.* ONs. No capítulo 2, falaremos sobre os *corpora* utilizados em nossa pesquisa, explicaremos a nossa metodologia e analisaremos os resultados encontrados. Dedicamos o terceiro capítulo à discussão de alguns casos interessantes, que não “se comportam” de acordo com as previsões da teoria do gênero semântico e, além disso, observamos os princípios discursivos particulares que exercem influência sobre essas retomadas anafóricas. Por fim, colocamos nossas considerações finais.

1. OBJETO NULO

Neste capítulo, abordaremos os tipos de retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa em português brasileiro, principalmente a retomada feita por uma categoria vazia - o objeto nulo - e quais as hipóteses encontradas na literatura em relação aos traços semântico-pragmáticos que parecem ser condicionadores da escolha entre pronomes vs. objetos nulos.

1.1 Retomada anafórica

A retomada anafórica ocorre quando fazemos referência a um elemento do discurso já mencionado previamente, ao qual chamamos de antecedente. Em português brasileiro (doravante PB), um referente de terceira pessoa na função de objeto direto pode ser retomado principalmente pelas seguintes estratégias: usando-se um pronome clítico ('o', 'a'), um pronome pleno ('ele', 'ela') ou uma categoria vazia (\emptyset), o chamado objeto direto nulo, sendo essas duas últimas estratégias relativamente inovadoras e mais comuns em língua falada (Cyrino 1994/1997, Schwenter & Silva 2002, Casagrande 2007, 2012, Figueiredo Silva 2009, Pivetta 2015).

Por exemplo¹:

Pronome clítico:

- (1) As botas **dos meninos** não davam conta de protegê-**los**.

Pronome pleno:

- (2) **Um ladrão** tinha entrado (...) Tranquei **ele** como a um rato.

Objeto nulo:

- (3) Ela mostrou **ferimentos** no corpo e atribuiu \emptyset ao marido.

¹ Todos os exemplos foram retirados dos nossos *corpora*, a serem especificados no capítulo 2.

Segundo Cyrino (1994/1997), desde o século XIX podemos atestar uma mudança diacrônica em relação ao quadro pronominal brasileiro. Os clíticos acusativos de terceira pessoa ('o', 'a') estão em desuso na fala em PB² e vêm cedendo espaço para os pronomes plenos ('ele', 'ela') e à estratégia de retomada anafórica com objeto nulo (doravante ON)³. Conforme a autora, o objeto nulo, i.e. a possibilidade de realização de um elemento vazio (foneticamente nulo) na função de objeto, sempre foi possível em português, mas sofreu um crescimento bastante grande nos últimos séculos, como podemos observar nas tabelas:

PERÍODO	1ª metade do século XVIII	2ª metade do século XVIII	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	<i>Corpus</i> sincrônico (1982)
CLÍTICOS (%)	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18%

Tabela 1: Frequência da retenção do objeto direto anafórico em cinco momentos históricos (Tarallo 1983, p. 166 e 193 *apud* Cyrino 1993, p. 173)

PERÍODO	1ª metade do século XVIII	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX
OBJETOS NULOS (%)	14,2%	41,6%	23,2%	69,5%	81,1%

Tabela 2: Objetos nulos no tempo (adaptado de Cyrino 1993, p. 165)

PERÍODO	SÉCULO XVI	SÉCULO XVII	SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX	SÉCULO XX
FORMAS NULAS (%)	10,7%	12,6%	18,5%	45%	79,1%
FORMAS PREENCHIDAS (%)	89,3%	87,4%	81,5%	55%	20,9%

Tabela 3: Distribuição de posições nulas vs. preenchidas (Cyrino 1994/1997, p. 246)

Os dados de Cyrino (1994/1997) foram coletados a partir de textos escritos de peças teatrais de cinco séculos. A autora, com o intuito de procurar textos que representassem o português oral, optou pelo gênero comédia ou por autores considerados “populares” pela

² O fenômeno de queda dos clíticos foi primeiramente apontado por Tarallo (1983).

³ A esse respeito, ver também Monteiro (1994) e Bagno (2011).

literatura, visto que suas obras provavelmente refletiam a linguagem popular da época⁴ (o trabalho de Cyrino é muito importante para nossa análise, pois - como veremos no capítulo 2 - nossos dados também são de textos escritos considerados “populares”).

Como percebemos com os dados das tabelas anteriores, a queda do pronome clítico parece estar ligada ao fenômeno do objeto nulo⁵, uma vez que as formas nulas na função de objeto direto cresceram significativamente (de 10,7% no século XVI para 79,1% no século XX), na medida em que as formas preenchidas caíram para apenas 20,9% no século XX. Segundo a autora, estes dados evidenciam uma mudança paramétrica (i.e. estruturas que deixam de existir na gramática), alterando o paradigma pronominal brasileiro para as posições de objeto. Essa mudança se dá quando as crianças atribuem um novo valor a um parâmetro da língua, nesse caso, o Parâmetro de Objeto Nulo (que abordaremos na seção 1.2), reformulando, assim, a gramática da língua. Ou seja: estamos diante de uma mudança em curso na língua.

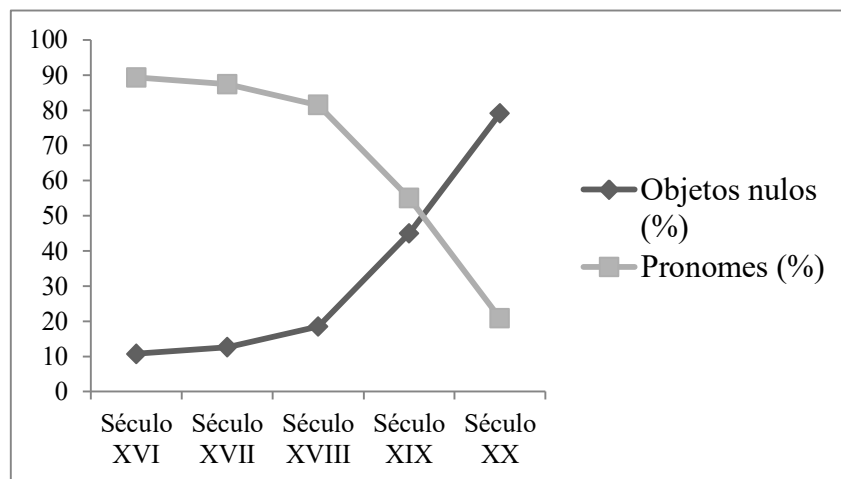


Gráfico 1: Correlação entre pronomes e objetos nulos ao longo do tempo (a partir dos dados de Cyrino 1994/1997)

Através de estudos diacrônicos do português, outros autores (Tarallo 1983, Duarte 1989 e Nunes 1996, por exemplo) também mostraram que os clíticos estão em desuso e que, em seu lugar, o ON e o pronome lexical (ou pronome pleno) estão ocorrendo como estratégias

⁴ Constituem o *corpus* do trabalho de Cyrino as peças: “Rua Alegre, 12”, de Marques Rebelo (1940); “O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes (1959); “Um Grito Parado no Ar”, de Gianfrancesco Guarnieri (1973); e “No Coração do Brasil”, de Miguel Falabella (1992).

⁵ Em Cyrino (2003), a autora mostra que não há uma relação de dependência entre a queda dos clíticos e o crescimento de ocorrências de ON, já que nem todos os clíticos acusativos desapareceram do quadro pronominal em PB. Mas, aqui, acreditamos que a queda dos clíticos e o aumento de ON têm correlação.

inovadoras para a retomada anafórica de objeto direto de terceira pessoa na gramática do PB, como podemos visualizar na seguinte figura:

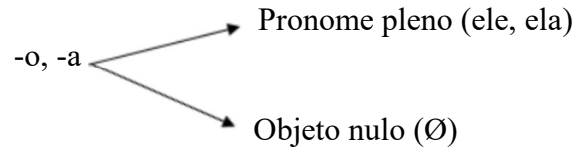


Figura 1: Mudança na retomada anafórica

Tarallo (1986), a partir da coleta de dados históricos abrangendo a gramática do PB nos últimos 250 anos, revela que a reorganização do paradigma pronominal foi maciça ao longo do tempo, principalmente a inversão entre as posições de sujeito e objeto direto na segunda metade do século XIX. O gráfico abaixo ilustra o aumento de ocorrências de objeto nulo no decorrer dos séculos:

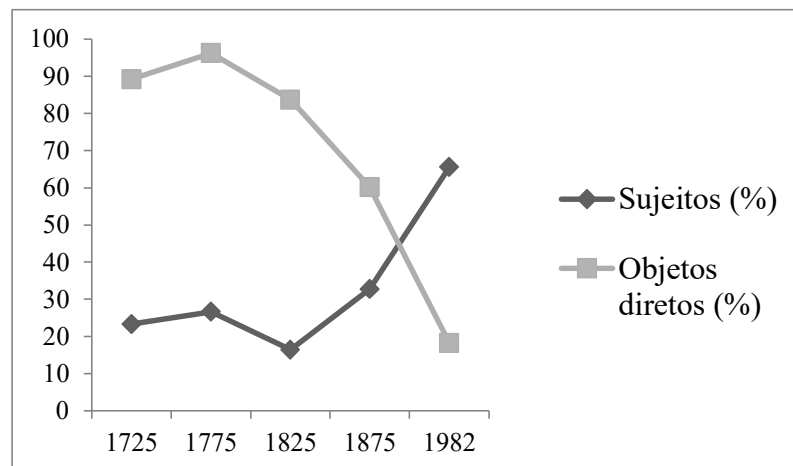


Gráfico 2: Correlação entre explicitação do sujeito e apagamento do objeto ao longo do tempo (Tarallo 1986 *apud* Roberts & Kato 1996, p. 48)

À medida que o apagamento do objeto - o objeto nulo - conquistou mais espaço em PB, a explicitação do sujeito, i.e. o sujeito pleno foi se tornando cada vez mais frequente.

Para Creus & Menuzzi (2004, p. 5), a mudança mais significativa é que os “ONs passaram de praticamente inexistentes a praticamente categóricos” do século XVIII ao XX, período de reorganização da gramática do PB em relação ao sistema de anáfora pronominal de

objeto. O aumento do uso de objeto nulo como estratégia preferencial de retomada anafórica indica, segundo os autores, “sinal de reanálise radical num curto período de tempo”.

1.2 Objeto nulo

O fenômeno do objeto nulo, i.e. “o fato de podermos nos referir a uma categoria apresentada anteriormente na situação discursiva mediante uma categoria foneticamente nula na posição de objeto” (Mileski 2014, p. 2) é apontado como um dos traços que distingue o PB das demais línguas românicas (cf. Cyrino & Matos 2016). Na Gramática Universal - um sistema de princípios comuns a todas as línguas e de parâmetros que variam entre as línguas -, o Parâmetro do Objeto Nulo⁶ é marcado com valor positivo para o PB e para o italiano, por exemplo, enquanto o espanhol marca o valor negativo para esse parâmetro (cf. Oliveira 2007). Por exemplo:

- (4) a. Afirmava que a mãe não havia feito o encaminhamento de um documento. Em seguida, a secretaria achou **o papel** em seus arquivos e encaminhou **Ø**.
- b. Afirmaba que la mamá no había hecho el envío de un documento. Pronto, la secretaria encontró **el papel** en sus archivos y **lo** envió.⁷

Raposo (1986) mostra que, em português europeu (PE), o objeto nulo ocorre em situações específicas, somente quando ele puder ser recuperado pelo contexto linguístico ou pragmático. Como nos exemplos:

- (5) a. A Maria leu **esse livro** e o João leu **Ø** também.
- b. A Maria entregou **o dinheiro** ao Manuel, mas eu sei de algumas pessoas que nunca teriam entregue **Ø**.
- (6) a. *Eu informei a polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado **Ø** no cofre da sala de jantar.

⁶ Ver Huang (1984), trabalho pioneiro sobre o objeto nulo nas línguas naturais.

⁷ Exemplo 4a retirado do nosso corpus e 4b de tradução nossa.

- b. *O rapaz que trouxe Ø agora mesmo da pastelaria era teu afilhado.
- c. *O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter guardado Ø cuidadosamente no cofre.

Cyrino (1993) também observou as diferenças entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) em relação ao fenômeno do objeto nulo, constatando que o ON no PB é relativamente livre (todas as sentenças em (6) são gramaticais em PB), podendo ocorrer em sintagma nominal (SN), como em (6a), em oração relativa (6b), ou ilhas sintáticas (6c), contextos considerados agramaticais em PE⁸.

Além disso, segundo Raposo (1986), há casos em que a construção do objeto nulo pode ser confundida com elipse de VP (fenômeno prototípico do inglês, quando o verbo principal e seus complementos ou adjuntos são o alvo da elipse) pela semelhança superficial de ambas as construções, mas suas propriedades semânticas, pragmáticas e sintáticas são diferentes (cf. também Matos & Cyrino 2001, Cyrino & Matos 2002). A partir das distinções que o autor estabeleceu entre os tipos de elipse - objetos nulos e elipse de VP -, a literatura passou a tratar esses dois tipos de construções de forma diferenciada. Em PB, há três construções com elipse de objeto:

(i) Objeto Nulo:

Quando a casa não está precisando dos **eletrodomésticos** que são doados, colocamos Ø à venda.

(ii) Elipse do VP com repetição de verbo:

Eu e meu marido não *tivemos* **estudo**, mas as crianças *terão* Ø.

(iii) Elipse do VP com verbo auxiliar⁹:

Eu *ia comprar* **aquele livro** para a Maria, mas ela também *ia* ___.

⁸ Raposo (2004) revê a sua posição em relação ao objeto nulo no português europeu, deixando de considerar sentenças como (6a), (6b), e (6c) agramaticais. O autor reconhece que o juízo de gramaticalidade que lhes atribuiu inicialmente fora demasiado radical, passando a considerar essas ocorrências apenas como marginais (Raposo *apud* Pivetta 2015, p. 26).

⁹ Não encontramos nenhum exemplo desse tipo de elipse em nosso corpus.

Matos e Cyrino (2001, p. 3 e 4) tratam das diferenças entre elipse de VP e objeto nulo em português brasileiro e, para as autoras, enquanto o fenômeno de ON só pode ocorrer quando o verbo é distinto do verbo do VP antecedente (7), a elipse de VP não é legitimada nesse caso, i.e. a elipse precisa que o verbo seja o mesmo do VP antecedente (8):

(7) Eles *tinham pego* **o dinheiro** no Banco Itaú do Imbuí e foram lá *depositar* Ø. (ON: *pegar* ≠ *depositar*)

(8) Elas ainda não *receberam* **o salário e vales transporte e alimentação** no mês de setembro (...) As contas estão batendo na porta e até agora nada de *receber* ____.
(Elipse de VP: *receberam* = *receber*)

Enquanto a elipse de VP pode ser legitimada por verbos auxiliares, o objeto nulo só ocorre com verbos principais. Além disso, a elipse de VP abrange a cópia do verbo, os seus complementos e adjuntos, mas o objeto nulo compreende apenas um único argumento do verbo, como nos exemplos:

(9) A Ana *trouxe* **o computador para a faculdade hoje** e a Paula também *trouxe* ____.
(Elipse de VP, Matos & Cyrino 2001, p. 2)

(10) Adilson era quem recebia **os veículos** e vendia Ø em Entre Rios. (ON)

Ainda que as elipses de VP sejam construções atestadas em PB, aqui, estamos lidando especificamente com o fenômeno do objeto nulo e com os traços semântico-pragmáticos que influenciam na escolha desse tipo de retomada anafórica (em oposição à retomada pronominal).

Embora o ON ocorra de forma mais livre em PB, a escolha entre objeto nulo vs. pronome não se dá de forma aleatória. Poderíamos pensar que as duas estratégias inovadoras de substituição do pronome clítico (a saber, objeto nulo e pronome pleno) encontram-se em variação livre, mas diversos trabalhos na literatura sobre o assunto apontam para o fato de que há uma tendência - senão categórica - muito forte em direção a um fenômeno de distribuição complementar. Essa distribuição estaria condicionada por traços semânticos e discursivos do

referente sendo retomado. Para Duarte (1989, 1993), Cyrino (1993, 1994/1997), Schwenter & Silva (2002), entre outros, os traços de animacidade e especificidade do antecedente explicariam a distribuição. Alternativamente há a hipótese do gênero semântico (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015) como condicionador do uso de pronomes plenos e objetos nulos em PB.

A seguir, veremos mais detalhadamente esses traços e as hipóteses relacionadas a eles.

1.3 Os traços semântico-pragmáticos

Como mencionamos, a escolha do falante entre pronome *vs.* objeto nulo não se dá de forma aleatória: os traços semântico-pragmáticos do referente parecem condicionar o tipo de retomada anafórica utilizado. Para tratarmos das hipóteses encontradas na literatura a respeito do condicionamento do objeto nulo, é preciso que as noções de animacidade, especificidade e gênero semântico fiquem claras, uma vez que serão essenciais na nossa análise (ver capítulo 2).

1.3.1 Animacidade e Especificidade

O traço de animacidade é um conceito semântico que diz respeito ao fato de os referentes serem animados ou não.

Animacidade é uma noção semântica que envolve um conjunto de elementos agrupados por apresentarem a característica de serem animados, o que é diferente do traço humano. O conjunto dos elementos que são animados inclui, além dos seres humanos, os demais seres, que assim como a espécie humana, apresentam algum tipo de vida, como gatos, cachorros, insetos, peixes, etc. (Casagrande 2007, p. 52)

Exemplos de antecedentes animados e inanimados:

- (11) **O cachorro** apareceu um dia, sem que ninguém o trouxesse, e começou a dar voltas por todos os cantos. [+a]

- (12) Não deixe água parada em **pratos** de plantas. Coloque areia ou troque a água e lave-os com escova duas vezes por semana. [-a]

Já o traço de especificidade é a propriedade de o referente ter uma única identificação no discurso; é um traço de caráter discursivo, portanto. Conforme Cyrino (cp. *apud* Pivetta 2015, p. 57), “um objeto direto é específico se, de acordo com a perspectiva do falante, o referente tem uma única identificação. Caso não haja um único referente, não é específico”. Enquanto a animacidade é uma característica semântica, inerente ao referente; a especificidade, por sua vez, é característica pragmática, i.e. só conseguimos definir se o referente é específico ou não a partir do contexto. Veja os seguintes exemplos:

- (13) Ela vê **o filho** e corre para ampará-lo. [+e]
 (14) **A tevê** é atrativa e, sabendo usar, pode ter vantagens. [-e]

Nos exemplos acima, conseguimos facilmente identificar que o referente “o filho” é [+animado], enquanto o referente “a tevê” é [-animado]. Entretanto, precisamos do contexto para classificar tais referentes em relação ao traço de especificidade, pois o artigo definido não significa necessariamente que o referente seja específico.

É importante também salientar, aqui, a diferença entre definitude¹⁰ e especificidade. Para Casagrande (2007, p. 54), na medida em que a primeira define um objeto na classe dos objetos possíveis, a outra se relaciona com elementos pré-estabelecidos no discurso, ou seja, não são noções equivalentes. Como podemos observar, em (13) o referente é [+específico], mas em (14) temos um referente com o traço [-específico], ainda que ambos sejam precedidos de artigo definido. Da mesma maneira, um antecedente com artigo indefinido também pode ser específico. Observe o exemplo (15):

- (15) Já faz dois anos e meio que ele está na Marina. Antes, pagava R\$ 600 num quarto e sala em Botafogo. Quando o contrato acabou, o proprietário quis subir o preço, animado com a escalada dos aluguéis. Diante da iminente facada, Dany entregou-se ao

¹⁰ Segundo Schwenter & Silva (2002, p. 580), “somente a especificidade, e não a definitude, é relevante para a distribuição de objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro”; portanto, não analisaremos esse traço em nosso trabalho.

desejo que nutria desde pequeno, quando vibrava com as aventuras de Jaques Cousteau na TV. Arrematou **um veleiro** com mais de 30 anos e começou a morar nele, enquanto o reformava aos poucos. [-a, +e]

Repare que o sintagma nominal “um veleiro” está acompanhado de um artigo indefinido, mas, pelo contexto, sabemos que o referente é [+específico], pois não se trata de qualquer veleiro (barco), mas de “um veleiro com mais de 30 anos” no qual o indivíduo passou a morar. Podemos perceber, portanto, que o artigo não é condição necessária nem suficiente para definirmos o traço de especificidade.

Para autores como Duarte (1989), Cyrino (1994/1997), Matos & Cyrino (2001), Cyrino & Matos (2002) e Schwenter & Silva (2002 e 2003), os traços de animacidade e especificidade parecem condicionar o uso entre pronome e ON, de modo que antecedentes com os traços [+animado] e [+específico] tendem a ser retomados por pronomes, enquanto antecedentes com os traços [-animado] e [-específico] tendem a ser retomados por uma categoria vazia (ON). Mas a interação entre esses traços, i.e. casos [+a, -e] e [-a, +e] costuma ser problemática, com resultados não polarizados. Voltemos aos exemplos (13) e (14):

(13) Ela vê **o filho** e corre para ampará-**lo**/??Ø. [+animado, +específico]

(14) **A tevê** é atrativa e, sabendo usar ??**ela**/Ø, pode ter vantagens. [-animado, -específico]

Na frase (13), o antecedente é “o filho”, que possui os traços [+animado, +específico], e, por isso, parece mais natural retomá-lo utilizando o pronome clítico “lo”¹¹; já na frase (14), o antecedente possui os traços [-animado, -específico] e tende a ser retomado por objeto nulo.

Schwenter & Silva (2003) realizaram uma análise do corpus do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)¹² a fim de testar a hipótese de que os traços de animacidade e especificidade influenciam no tipo de retomada anafórica de objetos diretos de terceira pessoa. Os resultados podem ser visualizados na tabela:

¹¹ Na fala, o mais natural seria *retomar* o referente com um pronome pleno (‘ele’). Mas, como nosso exemplo é de *corpus* escrito, o clítico predomina.

¹² *Corpus* compilado por pesquisadores da UFRJ que reúne ocorrências de português falado no Rio de Janeiro no início dos anos de 1980. Foram utilizadas 1.250 ocorrências (Schwenter & Silva 2003, p. 106).

Traços	Nulo	Pronomes	Total
+a,+e	50 (28,4%)	126 (71,6%)	176 (100%)
+a,-e	102 (89,5%)	12 (10,5%)	114 (100%)
-a,+e	151 (100%)	-----	151 (100%)
-a,-e	604 (97,9%)	13 (2,1%)	617 (100%)

Tabela 4: Objeto nulo vs. pronome no *corpus* do PEUL (Schwenter & Silva 2003, p. 108)

Os autores concluem que há uma diferença significativa entre os antecedentes [+a, +e] e os [+a, -e]: 71,6% de preferência por pronomes contra 89,5% de preferência por objeto nulo. Isso pode indicar que o traço de especificidade exerce alguma influência sobre o de animacidade. Por outro lado, a diferença entre os objetos diretos com antecedentes [-a, +e] e [-a, -e] não é relevante, sugerindo não haver influência da especificidade nessa distribuição. Assim, ainda segundo os autores, o traço de animacidade é o principal condicionador a atuar sobre o objeto direto anafórico. A especificidade, por sua vez, seria um fator secundário, uma vez que os resultados não foram tão esclarecedores.

Para Duarte (1989) e Cyrino (1994/1997), o traço de animacidade do antecedente exerce papel fundamental na distribuição de pronomes plenos e objetos nulos em PB. Além deste, Cyrino (1994/1997) sustenta que o traço de especificidade também seria relevante, mas é o que menos polariza as retomadas anafóricas entre objeto nulo e pronome pleno, apesar de influenciar na escolha entre as duas formas. Na verdade, a interação entre esses dois traços ainda não é totalmente clara. Vejamos os resultados de Cyrino, sintetizados por Creus & Menuzzi (2004, p. 5):

Antecedente	Distribuição		Padrão idealizado
	Pronome	ON	
[+a, +e]	100%	-----	Pronome/*ON
[+a, -e]	57%	43%	Pronome/ON
[-a, +e]	13%	87%	ON/*Pronome
[-a, -e]	7%	93%	ON/*Pronome

Tabela 5: Anáfora de objeto em PB cf. Cyrino 1994/1997 (C&M 2004, p. 5)

Os resultados de Cyrino nos mostram que, quando o referente carrega os traços [+a, +e], o objeto anafórico é categoricamente realizado pelo pronome pleno (100%). Por outro

lado, quando o referente tem o traço [-a], sua retomada tem uma tendência muito forte de ser feita por objeto nulo, não importando, nesse caso, o traço de especificidade (veja as duas últimas linhas da tabela). Entretanto, há uma complicação no caso de antecedentes [+a, -e], visto que não há uma tendência bem marcada (57% dos casos, retomados por pronome pleno e 43% por objeto nulo, o que beira ao acaso). Sendo assim, não temos uma classe natural positiva clara, i.e. não podemos opor os antecedentes [+a] aos [-a]; tampouco os referentes com o traço [+e] podem se opor aos referentes [-e] - e nem a combinação entre esses dois traços parece explicar a história toda. Em outras palavras, se observarmos a tabela mais atentamente, não encontramos uma distribuição polarizada com nenhuma combinação entre esses traços. Há apenas uma oposição clara entre os antecedentes [+a, +e], de um lado, e os [-a, -e], de outro (como a hipótese já previa); no entanto, os antecedentes [-a, +e] se comportam de maneira semelhante aos [-a, -e], pois ambos têm a forte tendência de serem retomados por uma categoria vazia. Já nos antecedentes [+a, -e], não obtemos uma distinção clara.

Para resolver esse aparente problema na hipótese que envolve os traços de animacidade e especificidade do referente anafórico, Creus & Menuzzi (2004) apontam para o fato de que uma distinção com base em um único traço semântico seria melhor para explicar a escolha entre pronomes e objeto nulo: o traço de gênero semântico. É o que discutiremos a seguir.

1.3.2 Gênero Semântico

O traço de gênero semântico diz respeito à classificação semântica dos substantivos, que distingue substantivos sexuados de substantivos não sexuados (mais precisamente o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem*, *mulher*, *professor*, *cachorro*, etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa*, *livro*, *vítima*, *cônjuge*, *boneco*, *tartaruga*, etc.). Nas palavras de Creus & Menuzzi (2004, p. 3), “possuem gênero semântico somente aqueles substantivos que denotam indivíduos ou classes de indivíduos animados cujo sexo natural pode ser identificado (ex.: mulher, homem; gato, gata; boi, vaca, etc.)”. Sendo assim, referentes inanimados são marcados negativamente para

esse traço¹³. Porém, nem todos os substantivos animados possuem, necessariamente, um gênero semântico específico, como vimos (pessoa, habitante, estudante, etc.). Ou seja, alguns substantivos possuem gênero gramatical, mas não gênero semântico inerente. Para esclarecer melhor, vamos distinguir essas duas noções.

O conceito de gênero gramatical diz respeito à classificação morfossintática dos substantivos. Em português, temos duas classes morfossintáticas que regem as questões de concordância gramatical: gênero masculino e gênero feminino, marcadas pela desinência mórfica do próprio vocábulo (-o, -a) ou pelos artigos definidos ‘o’ e ‘a’, no caso de substantivos de ambos os gêneros (o/a paciente; o/a poeta). Dessa forma, todos os substantivos do português têm gênero gramatical; não apenas os que denotam referentes animados, como também os que denotam inanimados (a mesa; o problema)¹⁴. Já o traço de gênero semântico é mais “natural”, visto que o falante identifica e reconhece o sexo natural do referente. Substantivos como ‘pessoa’, ‘habitante’ e ‘estudante’ não apresentam gênero semântico inerente, mas podemos determiná-lo através do contexto, como em “a pessoa que esteve aqui era uma delegada de polícia” ou “a pessoa que esteve aqui era um professor do ensino fundamental”.

A hipótese de Creus & Menuzzi (2004) é de que o traço de gênero semântico do referente atua como gatilho essencial para a retomada anafórica de objetos em terceira pessoa. Para os autores,

É claro que, destes dois traços [**animacidade e especificidade**], o que tem papel central é o de animacidade, já que é ele que configura as generalizações básicas do sistema; o traço de especificidade parece ser relevante, na verdade, apenas para uma classe de antecedentes. Assim, parece-nos que a explicação do sistema de anáfora de objeto em PB (...) precisa identificar no traço de animacidade aquele aspecto essencial que, ao mesmo tempo que traça as generalizações básicas, prevê também a possibilidade de alternativa para os antecedentes animados não-específicos. A nosso ver, o aspecto fundamental do traço de animacidade é que ele está associado com distinções de gênero semântico. (Creus & Menuzzi 2004, p. 7)

Assim, apenas um traço seria suficiente para explicar como ocorre a retomada anafórica em PB, de maneira que, se o referente possui o traço [+gênero semântico], i.e. tem gênero semântico identificável, é preferencialmente retomado por um pronome pleno; caso contrário, quando o referente tem o traço [-gênero semântico], a retomada anafórica tende a ser feita com objeto nulo. Como nos exemplos do nosso *corpus*:

¹³ Como nos mostra Ayres (2016), na fala de crianças em período de aquisição da linguagem, referentes inanimados podem ter gênero semântico, como *Barbie vs. Ken, Boneco do Woody*, etc.

¹⁴ Cf. Câmara Jr. (1959) para uma distinção entre *gênero semântico* e *gênero gramatical*.

(16) **A garota** se irritou muito quando a mãe disse que iria levá-**la** ao Conselho Tutelar.

(17) Juan teve uma ótima **chance** para matar logo o jogo, mas desperdiçou **Ø**.

Em (16), “a garota” tem o traço [+gênero semântico], pois o falante “reconhece” o gênero sexual a que pertence o ser denotado por esse substantivo, e, portanto, o referente foi retomado por um pronome. Já em (17), “chance” não tem gênero semântico e, por isso, a retomada anafórica foi feita por uma categoria vazia (ON). De acordo com a hipótese do gênero semântico (também adotada por Pivetta 2015), é esse traço que determina a escolha entre o pronome e a categoria vazia na realização do objeto direto anafórico. Segundo Menuzzi & Creus (2004), os traços de animacidade e especificidade desempenham um papel secundário nessa proposta.

Do ponto de vista conceitual, os autores acreditam que essa hipótese é mais “natural” que a hipótese de animacidade e especificidade, pelo fato de que a opção entre um objeto nulo e um pronome pleno se dá por uma questão de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico são retomados preferencialmente por pronomes plenos porque esses pronomes são formas anafóricas especificadas para gênero¹⁵. Já os antecedentes sem gênero semântico favorecem a retomada por objetos nulos porque ONs são categorias não especificadas para gênero. Dessa maneira, apenas um traço (e não uma combinação de traços - como é a hipótese de animacidade e especificidade) seria suficiente para explicar como ocorre a retomada anafórica em PB.

Essas duas hipóteses são fundamentais para nosso trabalho, uma vez que os traços de animacidade, especificidade e, principalmente, de gênero semântico dos referentes são o foco de nossa pesquisa. Vamos, então, à apresentação de nosso *corpus* e aos resultados de nossa análise.

¹⁵ Entre os pronomes, apenas os de terceira pessoa têm gênero marcado na língua (*ele/ela/eles/elas*), enquanto todos os outros são “neutros” (*eu/tu/você/nós/a gente*). Essa constatação é importante porque, aqui, estamos lidando com retomadas anafóricas de objeto direto de terceira pessoa, exclusivamente.

2. *CORPORA* E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, falaremos sobre nossos *corpora* de língua escrita e sobre nossa metodologia de análise, para, então, chegarmos aos nossos resultados obtidos. Dois dos *corpora* utilizados em nossa pesquisa fazem parte do Projeto PorPopular, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e o terceiro *corpus* pertence ao trabalho de Oliveira (2007).

2.1 *Corpora*

O Projeto PorPopular (padrões do português popular escrito), coordenado pela Prof. Dra. Maria José Bocorny Finatto (UFRGS), tem como objetivo organizar um *corpus* de jornais populares - voltados para públicos de menor poder aquisitivo - da região Nordeste e Sul do Brasil e disponibilizar o material para uso de pesquisadores. Atualmente, o projeto contém textos do jornal popular Diário Gaúcho (DG) - publicado em Porto Alegre-RS - e do jornal Massa!, o primeiro jornal popular da Bahia.

O jornal Diário Gaúcho, produzido pelo grupo RBS desde 2000, tem tiragem em torno de 145 mil exemplares diários e cada exemplar tende a ser lido por cinco pessoas em média. Suas contínuas grandes tiragens e a grande adesão de seu público a quaisquer eventos promovidos pelo jornal demonstram grande aceitabilidade do seu público-alvo. Já o jornal popular baiano Massa!, criado em 2010 pelo grupo A TARDE, tem o objetivo de oferecer notícias e informação de entretenimento e serviço às classes C e D e, por isso, aposta na linguagem coloquial. Em ambos os jornais, as matérias são curtas e objetivas e, geralmente, tratam de assuntos como esportes, famosos, casos de polícia e interesses do leitor. Os textos circulam em formato digital e impresso.

Conforme as informações do *site*¹⁶ do Projeto, os textos foram coletados do formato *on-line* dos jornais¹⁷. De um dado ano, a cada mês foram selecionados textos de 10 a 12 dias

¹⁶ Disponíveis *on-line* no endereço <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/index.php>, consultado em 25/10/2016.

distribuídos nas quatro ou cinco semanas desse mesmo mês, com o intuito de se obter uma amostra composta pelo todo do jornal (excluídos apenas informações publicitárias, classificados, indicações de expediente e datação) por diferentes dias não consecutivos. O *corpus* está disponível para *download* também no *site* do Projeto.

Na seção “Download do *corpus* e amostras”, a equipe do PorPopular tentou preservar traços/dados de cada texto através de etiquetas (*tags*), colocadas manualmente, com identificação de data, partes e autoria (quando expressa). Vejamos um exemplo de um trecho¹⁸ do jornal Massa!:

(18) TEXTO 1

```
<head>
<edic>Massa! 06/02/2013</edic>
<autor>Maíra Azevedo</autor>
</head>
<body>
<subtítulo>
Folia é antecipada com grupos de percussão e sopro no Circuito Sérgio Bezerra
</subtítulo>
<título>Carnaval das antigas na Barra</título>
<subtítulo>RESUMO DA NOTÍCIA</subtítulo>
Maíra Azevedo
Somente amanhã de noite é que o Rei Momo Léo Boy, reeleito neste ano, vai receber as
chaves da cidade e abrir oficialmente o Carnaval de Salvador. Mas, para quem gosta de
marchinhas e das bandas de sopro, a festa começa hoje, a partir das 19h, no circuito Sérgio
Bezerra, na Barra. [segue...]
```

Com o objetivo de verificar se as estratégias relativamente inovadoras e mais comuns em língua falada (pronomes plenos e objetos nulos) já estão consagradas (ou ao menos presentes de maneira significativa) em língua escrita padrão, analisamos, em nossa pesquisa, 250 textos do Jornal Diário Gaúcho (dos anos de 2008, 2010 e 2013) e 250 textos do Jornal Massa! (de 2012, 2014 e 2015), totalizando 462 páginas de assuntos variados como polícia,

¹⁷ O Projeto PorPopular está na segunda fase, em que os textos coletados são da versão *on-line* dos jornais. Mas, na primeira fase, os textos do Diário Gaúcho foram cedidos, em formato PDF, pelo jornal Diário Gaúcho à coordenadora da pesquisa.

¹⁸ Disponível em http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/arquivos/amostra_massa.txt.

futebol, famosos, atividades culturais, questões da comunidade, além de seções intituladas “Seu problema é nosso” e “O que há de novo”. Imaginamos que, por se tratar de textos com estilo “popular” (destinado às classes C e D da população), os redatores e jornalistas pudessem incorporar alguns elementos não estigmatizados, mas distintivos da língua falada, tal como a retomada anafórica de objetos por um elemento nulo.

Além disso, a fim de obtermos uma amostra mais expressiva de língua escrita, utilizamos o *corpus* do trabalho de Oliveira (2007), composto de 88 redações escolares de crianças de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental de escolas de Curitiba, também para averiguarmos como se dá a retomada anafórica no processo de aquisição do português brasileiro escrito. Agradecemos aqui a profa. Dra. Maria José Finatto por ter nos permitido acesso ao *corpus* do projeto PorPopular e à profa. Dra. Solange Mendes Oliveira, por ter nos enviado uma lista contendo os dados detalhados de seu *corpus*.

Reunindo nossos três *corpora*, temos um total de 471 páginas de amostra de língua escrita do PB. Nosso *corpus*, portanto, abrange textos da região Sul e Nordeste do Brasil, além de uma amostra de escrita de crianças em processo de alfabetização ou já alfabetizadas da região de Curitiba. A primeira etapa de nosso trabalho consistiu em ler todos os textos do *corpus* e classificar manualmente as ocorrências de retomada anafórica de objeto.

<i>Corpus</i>		471 páginas
Jornal Diário Gaúcho	250 textos	284 páginas
Jornal Massa!	250 textos	178 páginas
Redações escolares	88 textos	9 páginas

Tabela 6: Constituição do *corpus* analisado

2.1.1 A pesquisa de Oliveira (2007)

Antes de partirmos para os resultados da nossa análise, é importante detalharmos o trabalho de Oliveira (2007). A autora, “para abordar as mudanças ocorridas no português do Brasil, especificamente quanto à alteração do paradigma pronominal para a posição de objeto direto” (p. 4), analisa um *corpus* de 88 textos escolares escritos por crianças de 1ª a 4ª série do

Ensino Fundamental entre os anos de 2002 e 2006 (22 textos de cada série). As crianças tinham idade entre 6 e 10 anos e frequentavam escolas da rede pública em bairros de classe média de Curitiba - PR.

Para a coleta de dados, as retomadas anafóricas de objeto direto foram selecionadas nas suas variantes: (i) objeto nulo, (ii) pronome tônico *ele/ela*, (iii) SN anafórico pleno e (iv) clítico acusativo de 3ª pessoa. Além dos traços de natureza semântica do antecedente, i.e. os traços de animacidade e especificidade, Oliveira observou a natureza morfológica dos verbos (tempos simples ou compostos), a posição do clítico (próclise ou ênclise) e a série em que as crianças estavam. Assim, os resultados encontrados mostram que o objeto direto nulo é a estratégia preferida pelas crianças quanto à retomada anafórica.

Variantes	Nº de ocorrências	%
Objeto nulo	91	52,0
Pronome tônico	39	23,0
Clítico acusativo	30	17,0
SN anafórico	14	8,0
TOTAL	174	100,0

Tabela 7: Total de dados conforme as variantes analisadas (Oliveira 2007, p. 17)

Conforme mostra a tabela a seguir, retirada do trabalho de Oliveira (2007), o traço de animacidade é relevante para o condicionamento da variante objeto nulo, pois 69% das ocorrências de ON (43 das 62 ocorrências) aparecem quando o antecedente apresenta o traço [-animado], resultado que confirma os dados de Duarte (1989) e Cyrino (1994/1997), que vimos no capítulo 1. Entretanto, o traço [+animado] também foi significativo nos contextos de ON: em 43% dos casos de ocorrências de objeto nulo (47 dos 110 casos), o antecedente apresenta o traço [+animado]. Já o traço [-específico] do referente condiciona o uso do objeto nulo em 100% das ocorrências. Para Oliveira (p. 26), “pode-se dizer, então, que as crianças expandiram os contextos de uso do operador nulo, generalizando-o”.

Traço	Variantes								Total
	Objeto nulo		Pronome tônico		SN anafórico		Clítico acusativo		
	Apl./T.	%	Apl./ T.	%	Apl./T.	%	Apl./T.	%	
[+animado]	47/110	43,0	35/110	32,0	5/110	4,0	23/110	21,0	110
[-animado]	43/62	69,0	4/62	6,0	9/62	15,0	6/62	10,0	62
[outro]	1/2	50,0	0	0,0	0	0,0	1/2	50,0	2
TOTAL	91/174	52,0	39/174	23,0	14/174	8,0	30/174	17,0	174

Tabela 8: Distribuição das variantes usadas segundo o traço semântico do antecedente (Oliveira 2007, p. 18)

A pesquisa também nos mostra que o uso do pronome na função de objeto começa a aparecer nos dados textuais apenas nas séries finais, indicando que o grau de escolarização e normatização da criança pode favorecer o uso de pronomes (especialmente clíticos) em *corpus* escrito, como mostra a tabela abaixo.

Clíticos acusativos de 3ª pessoa	
Série	Nº de ocorrências
1ª	3 (8%)
2ª	8 (16%)
3ª	5 (11%)
4ª	14 (34%)
Total	30 (100%)

Tabela 9: Ocorrências de pronomes clíticos de 3ª pessoa em relação à série da criança (Adaptado de Oliveira 2007, p. 17)

Para Oliveira (2007, p. 23),

A quase não-ocorrência dessa variante nos dados da 1ª série (8%), de crianças com 6 anos de idade, evidencia que os clíticos de 3ª pessoa realmente não fazem parte da gramática nuclear da língua e, sim, são adquiridos na escola, através do ensino formal. Os dados do *corpus* sugerem que a manutenção dessas formas no PB atual deve-se exclusivamente à ação normativa da escola (...) Isso indica também que o uso dos clíticos acusativos se dá primeiramente na linguagem escrita, via instrução formal.¹⁹

¹⁹ Concordando com esses resultados, o trabalho de Casagrande (2007) e o de Ayres (2016) também trazem resultados sobre a generalização do uso das formas nulas na gramática infantil.

Ainda segundo os resultados da pesquisa, o traço [+animado] do antecedente favorece o uso do clítico acusativo em 21%, contra 10% de [-animado] (cf. tabela 8). A ocorrência dessa variante também está relacionada ao traço [+específico] do referente, em 18% dos casos. Como no exemplo:

(19) O dono (...) viu que **o cachorro** foi roubado ele foi procura-**lo**. (2ª série) [+a, +e]

O levantamento dos dados indicou que o objeto nulo é a variante mais utilizada na escrita pelas crianças nas quatro séries investigadas, confirmando a hipótese inicial de Oliveira de que esta seria a variante preferida por elas. Além disso, os resultados apontam que, na língua escrita, há sinais de um processo de aprendizagem do uso de clíticos acusativos no final do primeiro segmento da escolarização (4ª série).

Esse aprendizado, contudo, não tem a mesma natureza que a aquisição de objetos nulos ou de pronomes tônicos em posição de objeto direto, ou seja, as crianças não precisam ser formalmente ensinadas para internalizar pronomes tônicos ou objetos nulos na posição de objeto, enquanto a aquisição dos clíticos acusativos de 3ª pessoa só se dá via instrução formal. (Oliveira 2007, p. 27)

Como utilizamos o mesmo *corpus* de Oliveira, essa síntese dos resultados a que a autora chegou é de suma importância para a interpretação dos dados da nossa pesquisa.

2.1.2 Metodologia

Uma vez escolhidos os textos que serviriam como fonte de pesquisa do nosso trabalho, efetuamos a coleta dos dados, selecionando os objetos diretos anafóricos de 3ª pessoa em três situações:

- a) objeto nulo - categoria vazia na função de objeto;
- b) pronome pleno - função de objeto preenchida por um pronome pessoal reto;
- c) pronome clítico - emprego de um pronome oblíquo átono para a retomada anafórica de objeto direto.

Coletamos, manualmente, todas as ocorrências de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa e, para cada ocorrência encontrada, buscamos, no contexto, o referente e analisamos seus traços de animacidade, especificidade e gênero semântico, atribuindo um valor de mais (+) ou menos (-) para cada um deles. Como já vimos no capítulo 1 (seção 1.3), conforme a literatura sobre o objeto nulo, esses são os traços semântico-pragmáticos do referente que parecem condicionar o tipo de retomada anafórica utilizado. Nossa hipótese é de que o uso de objetos nulos já deve aparecer na escrita, ainda que os clíticos sejam maioria, e que a tese do traço gênero semântico (cf. C&M, 2004) deve explicar o fenômeno da distribuição entre categoria vazia *vs.* pronome de maneira mais adequada ou mais econômica.

Analisamos separadamente cada *corpus* - DG, Massa! e redações escolares - e, a partir dos dados encontrados, conforme se encaixavam na situação a, b ou c, listamos os referentes e seus traços semântico-pragmáticos, como no exemplo a seguir:

Dados Diário Gaúcho	
Objeto Nulo	
Parte I	
1.	a casa [-a, +e, -gs] p. 9 (dentro de fala)
2.	orelhão (telefone) [-a, -e, -gs] p. 13 (dentro de fala)
3.	gol [-a, -e, -gs] p. 18 (dentro de fala)
4.	gol [-a, -e, -gs] p. 18
5.	gol [-a, -e, -gs] p. 19
6.	o placar [-a, +e, -gs] p. 19
7.	o disco [-a, +e, -gs] p. 22
8.	o disco [-a, +e, -gs] p. 22 (dentro de fala)
9.	o nome [-a, +e, -gs] p. 30
10.	um escritório [-a, -e, -gs] p. 34 (dentro de fala)
11.	o cabelo [-a, +e, -gs] p. 36 (dentro de fala)

Figura 2: Exemplo de lista de retomadas anafóricas com objeto nulo no *corpus* do DG

Nas listas, iniciamos especificando o *corpus*, enumeramos os referentes das retomadas encontradas nos textos, e, para todos os sintagmas nominais (SNs) antecedentes, examinamos cada um dos traços em análise, atribuindo um valor de (+) ou (-) conforme a

ocorrência. No exemplo acima, o primeiro referente da lista é o SN “a casa” que é [-animado], [+específico] e [-gênero semântico] e foi retomado por objeto nulo, assim como todos os outros SNs pertencentes à mesma lista.

Também marcamos a página em que o dado foi encontrado - uma vez que o *corpus* é muito extenso - e, conforme fomos observando que a maioria das ocorrências de objeto nulo estava dentro de alguma fala no texto, resolvemos destacar essa informação na lista. Em nossa pesquisa, estamos analisando a retomada anafórica em língua escrita e, na medida em que há uma grande porcentagem dos nossos dados sobre objeto nulo encontrada dentro de fala reportada, isso pode interferir, de alguma forma, em nossos dados, ou ao menos indicar algo, que o objeto nulo é mais constante na escrita em discursos diretos ou situações de falas reportadas, como vemos nos exemplos abaixo:

(20) É o que afirma o motorista Davison Silva, 35.

“Antes do buzão parar, a galera fica pedindo para abrir a porta, e como ela só abre com ele parado, a galera fica pedindo para eu abrir o fundo e o meio, na sacanagem. Mas quanto mais perturbam, mais eu demoro de abrir Ø”.

(21) Um dos roubos ocorreu durante uma mudança que ela fez com a família. O carro do frete levou todos os CDs. Por ‘sorte’, o rapaz trabalhava no mesmo lugar que ela, em uma loja.

- Eu disse ao dono que se ele não me devolvesse Ø não deixaria mais cliente nenhum comprar ali, um local onde tinha ladrão. – conta, com a voz exaltada de revolta.

Além disso, na lista das retomadas anafóricas com pronomes clíticos, destacamos os referentes com o traço [-gênero semântico] para, posteriormente, realizarmos uma análise mais aprofundada dessas ocorrências, já que, segundo a hipótese de Creus & Menuzzi (2004), referentes com o traço [-gênero semântico] são retomados, preferencialmente, por objetos nulos, não pronomes.

Jornal Massa	
CLÍTICOS	
Parte I	
1.	um biscoito [-a, +e, -gs] p. 6
2.	os filhos [+a, +e, -gs] p. 6
3.	a pessoa [+a, +e, +gs] p. 9 (mulher)
4.	relógios [-a, -e, -gs] p.10
5.	os infratores [+a, +e, +gs] p. 16
6.	a medida [-a, +e, -gs] p. 18
7.	o salto alto [-a, -e, -gs] p. 19
8.	o bebê (menino) [+a, +e, +gs] p. 20
9.	uma criança [+a, +e, -gs] p. 20
10.	o Rei [+a, +e, +gs] p. 23
11.	Roberto Carlos [+a, +e, +gs] p. 27

Figura 3: Exemplo de lista de retomadas anafóricas com clíticos no *corpus* do Massa!

Com relação ao *corpus* de redações infantis escolares, fizemos uma análise um pouco diferente da de Oliveira, pois, como mencionamos na seção anterior, a autora observou outros fatores além dos traços de animacidade e especificidade, mas não averiguou a questão do traço de gênero semântico. Portanto, reanalisamos o *corpus* de 88 redações²⁰, destacando as ocorrências de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa realizadas com objeto nulo, pronome pleno ou pronome clítico e verificando os traços de animacidade, especificidade e gênero semântico de cada antecedente.

2.2 Análise dos dados

Nesta seção, detalharemos os resultados que encontramos a partir da análise dos dados dos *corpora* já mencionados.

²⁰ Gentilmente cedidos pela autora.

2.2.1 Resultados

A partir de listas como as que acabamos de apresentar, quantificamos (i) os tipos de retomada anafórica coletados e (ii) os traços semântico-pragmáticos dos referentes. Para a análise dos resultados, vamos, em um primeiro momento, explorar os dados dos nossos *corpora* de jornais populares - DG e Massa! - para, depois, partirmos para o nosso trabalho a partir de Oliveira (2007).

Nos *corpora* dos jornais, encontramos um total de 332 ocorrências de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa. Desse número, 116 referentes foram retomados por objeto nulo, 208 por pronomes clíticos e apenas 8 por pronomes plenos. Do total de ocorrências com pronomes, os clíticos representam 96,3%, enquanto os pronomes plenos somam apenas 3,7%. Na tabela a seguir e em toda a análise dos nossos resultados, juntamos os dois tipos de formas preenchidas na categoria “Pronomes” .

Retomada	Ocorrências
Objeto nulo	116 (35%)
Pronomes	216 (65%) 208 (96,3%) clíticos 8 (3,7%) pronomes plenos
Total	332 (100%)

Tabela 10: Total de ocorrências de retomada anafórica em nossos *corpora* DG e Massa!

Já há uma presença significativa de objetos nulos, i.e. um pouco mais de um terço das ocorrências, mas o clítico - ao contrário do que acontece na fala - ainda é predominante em língua escrita padrão, mesmo na mídia impressa dita popular, como são os jornais Diário Gaúcho e Massa!. O gráfico a seguir nos permite uma melhor visualização da distribuição entre as formas nulas vs. formas preenchidas nesses dois *corpora*:

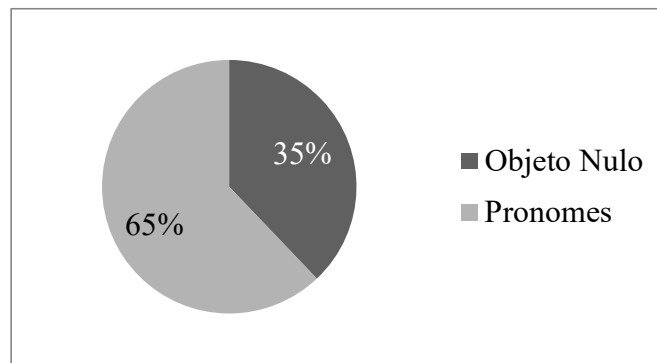


Gráfico 3: Distribuição entre ON e pronomes nos dados totais dos corpora dos jornais populares

Como vimos no capítulo 1, além do objeto nulo, o PB permite outros tipos de elipse do objeto, as chamadas elipses de VP. Ainda que não tenhamos focado na busca desses outros tipos de categoria vazia, em meio aos objetos nulos, encontramos 16 ocorrências de elipse de VP com repetição de verbo em nossos corpora jornalísticos (7 no corpus do Diário Gaúcho e 9 no Jornal Massa!), totalizando 132 ocorrências de categoria vazia.

Retomada	Ocorrências
Categorias vazias (ON e Elipses de VP)	132 (38%) 116 (88%) objetos nulos 16 (12%) elipses de VP
Pronomes	216 (62%) 208 (96,3%) clíticos 8 (3,7%) pronomes plenos
Total	348 (100%)

Tabela 11: Ocorrências totais de categorias vazias vs. pronomes em nossos corpora de jornais

Como podemos observar na tabela 11, o uso de categoria vazia na função de objeto direto de 3ª pessoa está presente de maneira significativa em língua escrita padrão (38%), mas as formas preenchidas ainda são as predominantes. E entre o grupo de pronomes, a predominância é entre os pronomes clíticos de 3ª pessoa, como mostramos no gráfico abaixo.

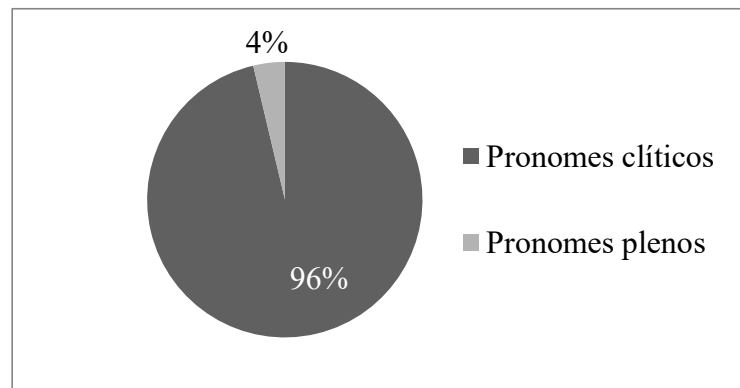


Gráfico 4: Distribuição entre pronomes clíticos e pronomes plenos nos dados totais dos *corpora* jornalísticos

Ou seja, ainda há uma prevalência da norma culta de base gramatical normativa, mesmo em textos ditos “populares”.

Se observarmos separadamente o número de ocorrências em cada *corpus*, notamos que não há diferenças muito expressivas em relação à quantidade de retomadas anafóricas; por isso, optamos por amalgamar nossos dados na análise dos dois jornais.

Tipos de retomada	Nº de ocorrências		TOTAL
	<i>Corpus Diário Gaúcho</i>	<i>Corpus Massa!</i>	
Objeto nulo	72 (37,1%)	44 (31,9%)	116 (35%)
Pronomes clíticos	115 (59,3%)	93 (67,4%)	208 (62,6%)
Pronomes plenos	7 (3,6%)	1 (0,7%)	8 (2,4%)
TOTAL	194 (100%)	138 (100%)	332 (100%)

Tabela 12: Ocorrências totais de tipos de retomada anafórica nos *corpora* DG e Massa!

Poderíamos pensar que, por nossos *corpora* jornalísticos serem de regiões muito diferentes – Sul e Nordeste – pudesse haver uma diferença dialetal entre eles, principalmente no que diz respeito à conservação dos clíticos. Conforme a Tabela 12, o que podemos ver é que no *corpus* do Jornal Massa! há preferência por pronome clítico em 67,4% dos casos de retomada anafórica, resultado muito semelhante ao do Jornal Diário Gaúcho (59,3%). A diferença de porcentagem se deva, talvez, à diferença do número de ocorrências encontradas no total de cada *corpus*.

Na tabela abaixo, estão apuradas todas as ocorrências de retomadas anafóricas que ocorreram em nossos *corpora*, divididas entre objeto nulo e pronomes e organizadas de

acordo com a combinação dos três traços semântico-pragmáticos dos referentes que analisamos:

Traços do antecedente	Objetos nulos	Pronomes	Total
[+a, +e, +gs]	2 (1,3%)	145 (98,6%)	147
[+a, +e, -gs]	--	8 (100%)	8
[+a, -e, -gs]	--	8 (100%)	8
[-a, -e, -gs]	38 (61,3%)	24 (38,7%)	62
[-a, +e, -gs]	76 (72,4%)	29 (27,6%)	105
[+a, -e, +gs]	--	2 (100%)	2
TOTAL	116	216	332

Tabela 13: Tipos de referentes e retomadas dados totais *corpora* jornais DG e Massa!

Analisando todos os dados em relação aos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico encontrados em nosso *corpus*, nos deparamos com um grande conjunto de combinações entre esses três traços e pouquíssimas ocorrências - ou nenhuma - em três desses arranjos (veja a tabela 13), o que dificulta nosso trabalho, na medida em que, se não conseguimos formar classes naturais opositivas claras com os resultados, não conseguimos constatar quais das duas hipóteses que estamos comparando explica melhor a escolha entre objeto nulo e pronome na retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB.

Como já mencionamos, em nossa pesquisa, buscamos analisar nossos dados a partir das duas hipóteses existentes na literatura sobre o condicionamento da retomada anafórica de objetos diretos em PB, a saber, a hipótese dos traços de animacidade e especificidade (Duarte 1989, Cyrino 1994/1997, Schwenter & Silva 2003) e a hipótese do gênero semântico (Creus & Menuzzi 2004), para, então, contrastar os resultados encontrados e chegarmos a uma explicação mais clara para o fenômeno de retomada anafórica em PB.

2.2.2 Hipótese dos traços de animacidade e especificidade

Ao analisarmos se a combinação dos traços de animacidade e especificidade dos referentes é capaz de explicar a escolha entre ON e pronome na retomada anafórica de objeto direto em nosso *corpus*, encontramos os seguintes resultados:

Traço do antecedente	Objeto Nulo	Pronomes
[+a, +e]	2 (1,3%)	153 (98,7%)
[+a, -e]	--	10 (100%)
[-a, +e]	76 (72,4%)	29 (27,6%)
[-a, -e]	38 (61,3%)	24 (38,7%)

Tabela 14: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos vs. pronomes em nossos *corpora* de jornais

Por um lado, os resultados mostram que a combinação desses dois traços não é a melhor hipótese, já que apenas o traço de animacidade responderia melhor como se dá o condicionamento da retomada anafórica do que a combinação entre os dois. Ou seja, o traço de especificidade se mostrou redundante e sua influência não é clara: os referentes com o traço [+animado] são, majoritariamente, retomados por pronomes (98,7% na primeira linha e 100% na segunda); já os referentes com o traço [+específico], ora são retomados por pronomes (98,7% na primeira linha), ora, por categoria vazia (72,4% na terceira linha).

Por outro lado, se levarmos em consideração apenas o traço de animacidade, os casos [-animados] não são tão claros, uma vez que não formam uma classe natural opositiva, i.e. não há uma polarização tão categórica dos resultados. Em referentes [-a, -e], por exemplo, os números não esclarecem uma preferência por objeto nulo ou pronome muito polarizada (61,3% para ONs e 38,7% para pronomes, uma diferença de apenas 22,6%).

Uma possibilidade – e talvez uma hipótese a ser testada – é que haja cruzamento de gênero gramatical (antigo sistema dos clíticos) com gênero semântico (novo sistema do PB falado). Especificamente, em antecedentes [+animados], a forma anafórica segue o gênero gramatical do antecedente; em referentes [-animados], a forma anafórica tende a ser nula por causa da ausência de gênero semântico (caso preencha a posição de objeto, segue, obviamente, o sistema de gênero gramatical).

O fenômeno que acontece em referentes [-a, -e], em que não há uma preferência clara por objetos nulos ou pronomes talvez resulte justamente da sobreposição desses dois sistemas existentes: o antigo sistema de clíticos e o novo sistema pronominal do PB falado. Isso explicaria se há uma diferença entre uso de nulos em trechos que reportam fala vs. trechos da "narrativa propriamente dita", mas provavelmente não é aleatório e deve haver algum fator discursivo intervindo nisso, como veremos brevemente no capítulo 3, embora ainda haja muito a ser estudado a respeito dessas hipóteses.

Nossos resultados em relação à combinação desses traços estão de acordo com as análises de Cyrino (1994/1997) e Schwenter & Silva (2002 e 2003) - como vimos no capítulo 1 - na medida em que o traço de animacidade do antecedente exerce papel importante na distribuição de pronomes e objetos nulos em PB, mas também no sentido de que o traço de especificidade é o que menos polariza esses tipos de retomada anafórica, apesar de influenciar na escolha entre as duas formas (aqui, atua sobre os [-animados]). Vejamos o gráfico a seguir:

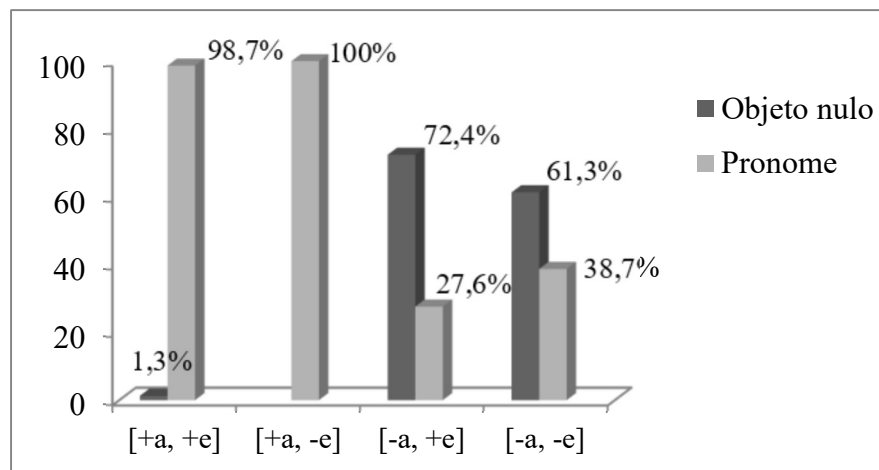


Gráfico 5: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos vs. pronomes

Com nossa análise, podemos dizer que a interação entre esses dois traços ainda não é totalmente clara. Vamos, então, à hipótese do gênero semântico.

2.2.3 Hipótese do gênero semântico

A hipótese do traço de gênero semântico como condicionador da escolha entre ON e pronome parece explicar as retomadas anafóricas em PB de uma forma mais clara: o maior número de ocorrências de pronomes acontece quando os referentes possuem o traço [+gênero semântico], assim como o maior número de objetos nulos ocorre com antecedentes com o traço [-gênero semântico]. Entretanto, nesse último caso (como podemos observar na terceira linha da tabela abaixo), a porcentagem dos resultados não ilustra uma oposição tão clara entre os dois tipos de retomada anafórica, pois encontramos um número considerável de referentes

[-gs] sendo retomado por pronomes (37,7%), o que não era esperado (discutiremos esses casos interessantes no capítulo 3).

Traço do antecedente	Objeto Nulo	Pronomes
[+gs]	2 (1,3%)	147 (98,7%)
[-gs]	114 (62,3%)	69 (37,7%)

Tabela 15: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo vs. pronomes

Ainda assim, o uso de objeto nulo vs. pronome parece estar condicionado pelo traço de gênero semântico do referente. Quando o antecedente tem o traço de gênero semântico marcado positivamente [+], é retomado por um pronome; caso contrário, é preferencialmente retomado por um objeto nulo, mesmo que de forma não categórica, como ilustra o gráfico a seguir:

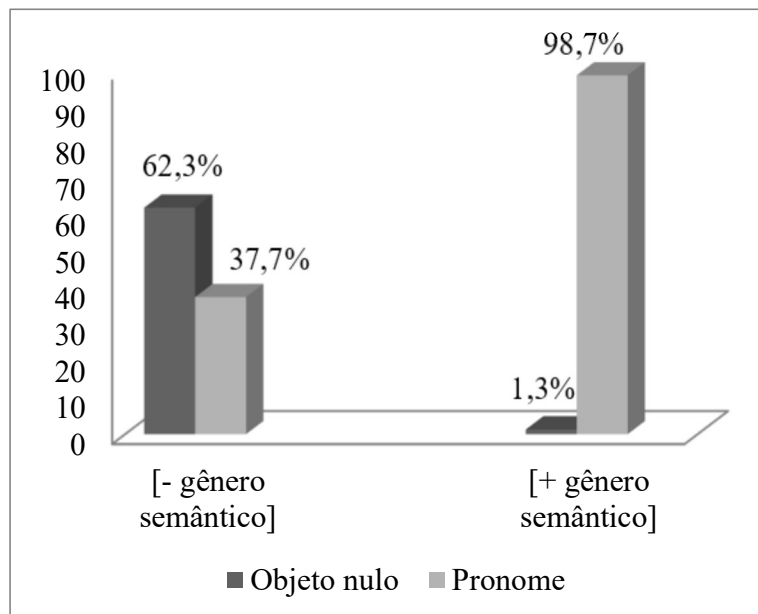


Gráfico 6: Traço [gênero semântico] e ocorrências de objetos nulos vs. pronomes

Analisando apenas as ocorrências de objetos nulos, dividindo-as entre as que ocorreram com referente com traço [-gênero semântico] e [+gênero semântico], notamos que a maioria (98,7%) de ocorrências de objetos nulos acontece com retomada de antecedentes com o traço [-gênero semântico]. Nossos resultados, portanto, vão ao encontro da hipótese de Creus & Menuzzi (2004), uma vez que o traço de gênero semântico parece ser condicionador da retomada anafórica de objeto nulo em nosso *corpus* de língua escrita.

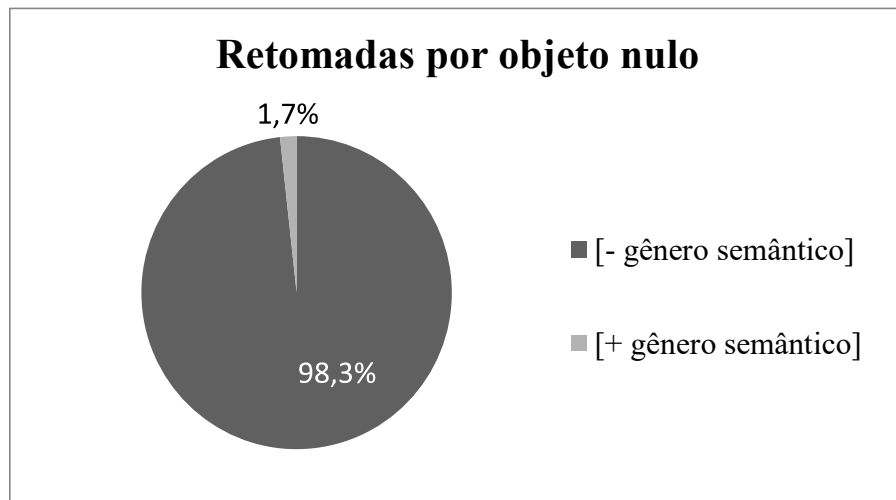


Gráfico 7: Traço [gênero semântico] e objetos nulos em nossos *corpora*

Inversamente, ao analisarmos apenas as retomadas anafóricas feitas por pronomes, percebemos que eles têm a tendência de recuperar antecedentes com o traço [+gênero semântico]:

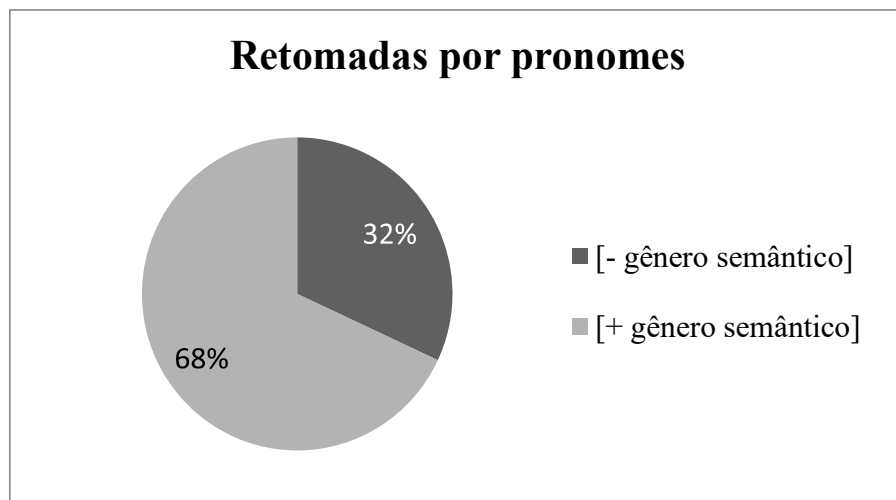


Gráfico 8: Traço [gênero semântico] e pronomes em nossos *corpora*

Considerando as duas hipóteses que aqui comparamos e os resultados quantitativos a que chegamos, poderíamos pensar, ainda, que apenas o traço de animacidade do antecedente explicaria o fenômeno de retomada anafórica de forma mais clara, pois, como vimos no capítulo 1 (em 1.3.1), esse traço exerce papel de grande importância na distribuição de pronomes e objetos nulos em PB, enquanto o traço de especificidade é secundário. Vejamos a tabela:

Traço do antecedente	Objeto Nulo	Pronomes
[+a]	2 (1,2%)	163 (98,8%)
[-a]	114 (68,3%)	53 (31,7%)

Tabela 16: Traço [animacidade] e ocorrências objeto nulo vs. pronomes nos *corpora* de jornais

De certa forma, o traço de animacidade do referente explica, em nosso *corpus*, como se dá a escolha entre os tipos de retomada anafórica pesquisados, ainda que os resultados não sejam categóricos. Referentes [+animados] são quase sempre retomados por pronomes (98,8%), enquanto referentes [-animados] são preferencialmente retomados por categoria vazia (68,3%), embora, em alguns casos, a retomada ocorra com pronomes (31,7%). Esses números são muito semelhantes aos que encontramos na análise com o traço de gênero semântico, como podemos verificar na tabela 15, repetida abaixo:

Traço do antecedente	Objeto Nulo	Pronomes
[+gs]	2 (1,3%)	147 (98,7%)
[-gs]	114 (62,3%)	69 (37,7%)

Tabela 15: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo vs. pronomes

Os números coincidem dessa forma talvez pelo fato de a maioria dos antecedentes ser [+a, +gs] ou [-a, -gs]. Temos, em muitos dos casos, uma quase sobreposição entre esses dois traços: referentes marcados positivamente para animacidade, na maioria das vezes, também são positivos para gênero semântico; por outro lado, referentes [-animados] são majoritariamente [-gênero semântico] (visto que apenas seres animados podem ter sexo natural identificável, como vimos no capítulo 1²¹). Mas também encontramos algumas exceções a esses casos, como em (22) e (23), em que os referentes possuem os traços [+animado, -gênero semântico]²²:

²¹ À exceção apenas dos casos de aquisição da linguagem, como mostra o trabalho de Ayres (2016).

²² Não encontramos nenhum referente com os traços [-a, +gs].

(22) Abrigo: Atende 18 **adolescentes** que chegam ao Lar em situação de risco e vulnerabilidade social. Busca resgatar os vínculos familiares, os estudos e inseri-**los** no mercado de trabalho. [+a, -gs]²³

(23) Queremos chegar ao final deste ano com 45% de cobertura da Estratégia. Mas dependemos de encontrar **médicos** (...) Eles não querem vínculo de 40 horas, preferem plantões. Já flexibilizamos para 30 horas, mas não conseguimos atraí-**los**. [+a, -gs]

Além disso, em nossa pesquisa, estamos comparando duas hipóteses da literatura sobre o condicionamento da retomada anafórica em PB: a hipótese do gênero semântico e a hipótese do traço de animacidade em conjunto com o de especificidade, não a animacidade isoladamente. A partir disso, se seguirmos o princípio lógico da Navalha de Occam (ou Princípio de Economia), i.e. se, entre essas duas teorias que explicam os mesmos fatos, considerarmos a mais simples como a mais correta para explicar o fenômeno da retomada anafórica em PB, o gênero semântico (portanto, um único traço do referente) explica o condicionamento entre objeto nulo *vs.* pronomes de maneira mais adequada e econômica.

Também há uma vantagem conceitual para a hipótese do gênero semântico, uma vez que, como afirmam Creus & Menuzzi (2004, p. 7), estamos diante de um processo geral de anáfora. Em outras palavras, estamos tratando de um processo de concordância entre forma anafórica e antecedente: referentes com gênero semântico são retomados preferencialmente por pronomes porque esses são formas anafóricas especificadas para gênero²⁴ (sejam pronomes plenos, 'ele'/'ela'; ou clíticos 'o'/'a'). Já os antecedentes sem gênero semântico favorecem a retomada por objetos nulos porque ONs são categorias não especificadas para gênero. Para a teoria baseada em animacidade, há a necessidade de um empenho maior para explicar o motivo de animados demandarem pronomes e não animados requererem objetos nulos. E, mais uma vez, o gênero semântico pode explicar o fenômeno, considerando-se o fato de que somente os antecedentes [+animados] podem ser associados a gênero semântico.

²³ No uso tradicional, a forma masculina é utilizada como neutro. É de se esperar que a escrita jornalística dos nossos *corpora* siga o sistema tradicional, já que usa mais clíticos do que nulos.

²⁴ Como já mencionamos, apenas os pronomes de terceira pessoa - foco do nosso trabalho - têm gênero marcado na língua. Todos os outros são "neutros" ou "subespecificados" para gênero: *eu/tu/você/nós/a gente*.

2.2.4 *Corpus de redações escolares*

Como vimos no capítulo 1, as pesquisas têm evidenciado uma mudança paramétrica, alterando o paradigma pronominal brasileiro para as posições de objeto. Essa mudança se dá quando as crianças atribuem um novo valor a um parâmetro da língua; por isso, se quisermos entender como se dá o Parâmetro de Objeto Nulo em PB, é importante analisarmos os tipos de construções de retomada anafórica das crianças - o que já foi feito, por exemplo, por Casagrande (2007) e Ayres (2016) para o português brasileiro.

Como o escopo de nosso trabalho envolve as ocorrências de retomadas anafóricas de objeto em língua escrita, ao pesquisarmos a linguagem infantil, analisamos produções escritas escolares das séries iniciais, a partir do corpus organizado por Oliveira (2007). Conforme vimos nas seções anteriores, em seu trabalho, Oliveira reuniu um *corpus* de 88 textos de redações escritas por crianças de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental a fim de abordar essas mudanças ocorridas no português do Brasil em relação à alteração do paradigma pronominal para a função de objeto direto. Em nossa pesquisa, reanalisamos o *corpus* estudado pela autora, coletando apenas as ocorrências de retomada anafórica realizadas com objeto nulo, pronome clítico ou pronome pleno - que são o foco do nosso trabalho - e analisamos os três traços semântico-pragmáticos dos referentes que podem ser condicionadores da escolha entre ON e pronomes: animacidade, especificidade e gênero semântico (este último não foi analisado pela autora).

Como resultado, encontramos 86 ocorrências de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, sendo 35 retomadas de objeto nulo, 26 de pronomes plenos e 25 de clíticos, representadas em porcentagem no gráfico a seguir²⁵.

²⁵ Encontramos apenas 9 ocorrências de elipses de VP e optamos por não contabilizá-las em nossa análise, uma vez que o cerne do nosso trabalho está no fenômeno do objeto nulo em PB, como já advertimos.

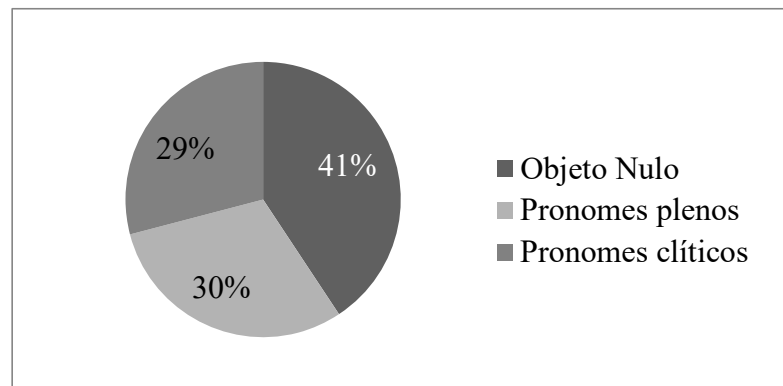


Gráfico 9: Distribuição entre ON, pronomes plenos e clíticos nos dados totais do *corpus* de redações escolares

Note que nossos números são diferentes dos de Oliveira (2007) (cf. página 30, Tabela 7) porque a autora coletou outros tipos de retomada anafórica e, além dos traços semântico-pragmáticos dos referentes, analisou outros aspectos linguísticos, sobre os quais não nos debruçaremos neste trabalho²⁶. Ainda assim, os dados mostram que o objeto nulo é a estratégia preferida pelas crianças quanto à retomada anafórica - cenário bem distinto do que encontramos na escrita jornalística que pesquisamos, ainda que também distinta dos dados de fala de crianças, que apontam o ON como a principal estratégia de retomada anafórica do objeto, como mostram, por exemplo, os dados de Ayres (2016, p. 36), que investigou o fenômeno de retomada anafórica do objeto em *corpus* de língua falada infantil: 76,1% ON, 5,6% pronome pleno, 1,8% clíticos.

Também podemos constatar que o traço de animacidade, assim como nos dados de Oliveira, é relevante para o condicionamento do objeto nulo, visto que as ocorrências de ON com o antecedente com o traço [-animado] ficam em torno de 70% (resultado que também vai ao encontro dos dados de Cyrino 1994/1997, que vimos no capítulo 1). Porém, o traço [+animado] demonstra preferência por objeto nulo em alguns casos (como nas linhas 1 e 2 da tabela 17, por exemplo). Já os referentes com o traço [±específico], ora são retomados por pronomes, ora por categoria vazia (abaixo, aglutinamos a categoria de pronomes).

²⁶ Além disso, o arquivo de texto com o *corpus* que nos foi cedido pela autora trazia algumas frases fora de contexto. Portanto, não conseguimos identificar o referente das retomadas anafóricas e não contabilizamos alguns casos que nos deixaram na dúvida.

Traços do antecedente	ON	Pronomes	TOTAL
[+a, +e]	9 (19,6%)	37 (80,4%)	46
[+a, -e]	1 (25%)	3 (75%)	4
[-a, +e]	15 (71,4%)	6 (28,6%)	21
[-a, -e]	10 (66,7%)	5 (33,3%)	15
TOTAL	35 (40,7%)	51 (59,3%)	86

Tabela 17: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objetos nulos, pronomes plenos e clíticos em nosso *corpus* de redações escolares

A proporção quanto a referentes [-animados] é semelhante ao *corpus* anterior - o jornalístico - mas não com referentes [+animados], onde, aqui, é bem menos polarizado (cf. Tabela 14 da página 39). Ou seja, se analisarmos os nossos dados a partir da hipótese dos traços de animacidade e especificidade, estaremos recaindo sobre os mesmos problemas já citados anteriormente, quando analisamos os *corpora* de jornais. A interação entre os dois traços não nos fornece uma explicação clara, nem resultados categóricos para o fenômeno da retomada anafórica.

Da mesma maneira, se analisarmos nosso *corpus* a partir da hipótese de gênero semântico, o condicionamento da escolha entre ON e pronomes fica mais claro: antecedentes com o traço [+gênero semântico] requerem pronomes (clíticos ou plenos), enquanto referentes com [-gênero semântico] requerem objeto nulo.

Traço do antecedente	ON	Pronomes
[+gs]	3 (8,6%)	32 (91,4%)
[-gs]	32 (62,7%)	19 (37,3%)

Tabela 18: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo, pronomes plenos e clíticos no *corpus* de redações escolares

Ainda que os resultados também não sejam tão polarizados (em referentes com o traço [-gs], por exemplo, temos 62,7% de ON vs. 37,3% de pronomes), a hipótese do gênero semântico continua explicando o fenômeno de retomada anafórica em PB de uma forma mais econômica, a partir de um único traço (Navalha de Occam) e, principalmente, de uma forma mais natural, pois, segundo Creus e Menuzzi (2004), trata-se simplesmente de um processo geral de anáfora, no qual forma anafórica (i.e. ON ou pronome) concorda com seu antecedente. Portanto, os dados que encontramos ao reanalisar o *corpus* de Oliveira contribuem para nossa pesquisa na medida em que são semelhantes aos resultados que

chegamos com os corpora do Projeto PorPopular, indicando que o gênero semântico é o traço condicionador da retomada anafórica de objeto nulo.

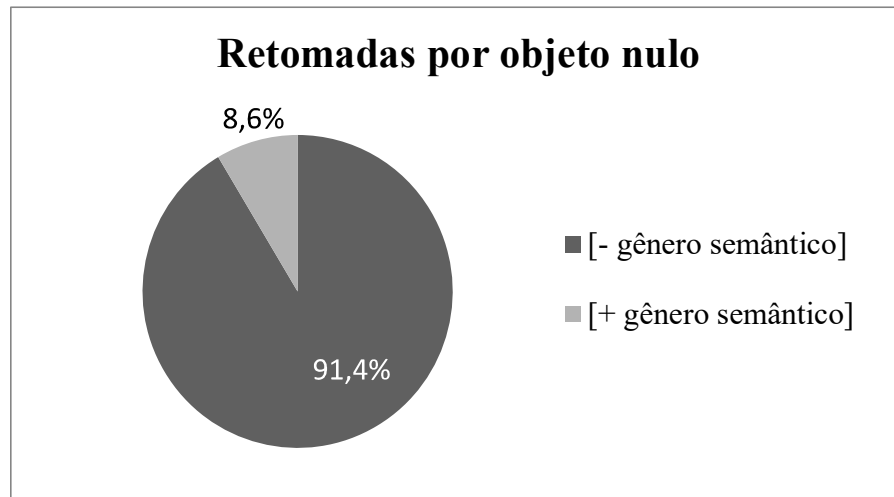


Gráfico 10: Traço [gênero semântico] e objetos nulos em nosso *corpus* de redações escolares

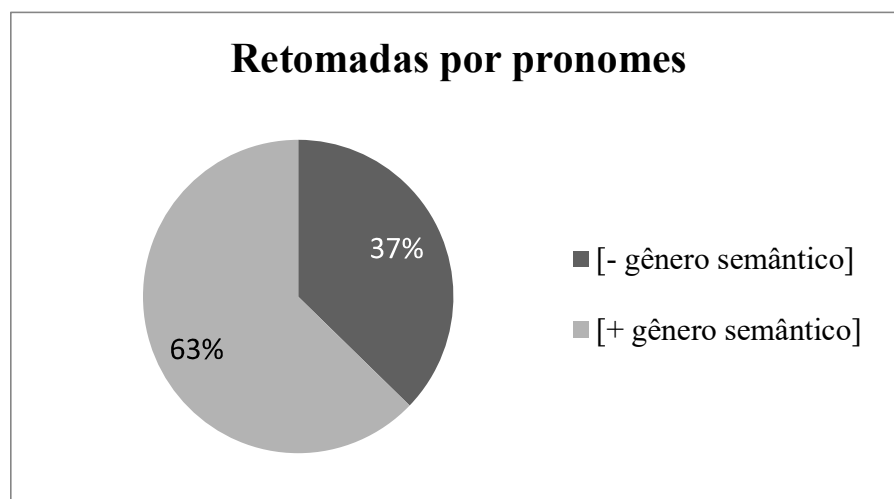


Gráfico 11: Traço [gênero semântico] e pronomes em nosso *corpus* de redações escolares

Além desse fato, os dados do *corpus* de redações infantis escolares, assim como os resultados de Oliveira (2007), nos mostram que o pronome clítico ainda é bastante usado pelas crianças como forma anafórica na língua escrita. Em uma análise mais detalhada, o uso do clítico na função de objeto começa a aparecer nos dados textuais apenas nas séries finais, à medida que o grau de escolarização e normatização em que a criança está inserida vai aumentando, como mostramos na tabela 19.

Clíticos acusativos	
Série	Nº de ocorrências
1 ^a	2
2 ^a	7
3 ^a	4
4 ^a	12
Total	25

Tabela 19: Pronomes clíticos em relação à escolarização encontrados em nossa análise

Em suma, o trabalho de Oliveira (2007) e os nossos resultados a partir da reanálise do *corpus* de redações escolares contribuem para nossa pesquisa ao nos indicarem que o uso dos clíticos acusativos se dá primeiramente na linguagem escrita (através da instrução formal) e também ao sugerirem que a permanência desses pronomes clíticos na retomada anafórica de objeto direto de 3^a pessoa em PB escrito atual deve-se à ação normativa da escola (cf. também Vieira 2014).

Essa informação é essencial para entendermos a quase ausência de pronomes plenos em nossos *corpora* de jornais e para compreendermos o motivo de tantas ocorrências de pronomes clíticos, mesmo com antecedentes com o traço [-gênero semântico], quando era esperado objeto nulo. Ainda que sejam considerados jornais da mídia impressa dita “popular”, são, antes de tudo, textos monitorados e revisados de acordo com a norma gramatical tradicional. No próximo capítulo, veremos os casos de antecedentes [-gs] que são retomados por pronomes, ou seja, casos de “exceção” às predições da teoria. Mostraremos que não se trata de exceções, mas retomadas anafóricas influenciadas por princípios discursivos particulares.

3. DISCUSSÕES INTERESSANTES

Neste capítulo, abordaremos os dados encontrados que não “se comportam” de acordo com as previsões da teoria do gênero semântico, i.e. casos em que antecedentes [-gs] são retomados por pronomes e casos em que antecedentes [+gs] são retomados por objeto nulo em nossos *corpora* jornalísticos²⁷. Veremos que esses “casos destoantes” são retomadas anafóricas influenciadas por princípios discursivos particulares – que explicam sua aparente idiossincrasia.

3.1 Análise dos casos “destoantes” com pronomes

Na análise de nossos *corpora* jornalísticos, ainda que tenhamos concluído que a hipótese do traço de gênero semântico seja a mais adequada para explicar como se dá a retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB escrito, não encontramos resultados polarizados, i.e. nossos resultados não nos possibilitaram estabelecer classes naturais opostas claras. Isso talvez se deva ao fato de que encontramos muitas ocorrências de referentes com o traço [-gs] sendo retomados por pronome, quando o esperado era a retomada anafórica realizada com objeto nulo (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015). Vejamos a tabela 15 novamente:

Traço do antecedente	Objeto Nulo	Pronomes
[+gs]	2 (1,3%)	147 (98,7%)
[-gs]	114 (62,3%)	69 (37,7%)

Tabela 15: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo vs. pronomes

²⁷ Em nosso *corpus* de redações escolares, embora tenhamos encontrado 20 casos de antecedentes [-gs] sendo retomados com pronomes (das 51 ocorrências totais de pronomes) e 2 casos de referentes [+gs] sendo retomados com objetos nulos (dos 35 casos totais de ONs), não conseguimos realizar uma análise mais aprofundada dos fatores discursivos que possivelmente influenciam nessas retomadas anafóricas devido ao problema de acesso ao *corpus* na íntegra (como já mencionamos na página 47, o arquivo de texto nos cedido por Oliveira trazia fragmentos de frase, algumas fora de contexto).

Com o traço [+gs], os resultados são bem polarizados, pois temos 98,7% de retomadas feitas com pronomes. Já os referentes [-gs] são preferencialmente retomados com objetos nulos, mas não há um resultado categórico, visto que, em 69 vezes, a retomada anafórica foi realizada com pronome, representando 37,7% do total de ocorrências com esse traço, o que é bastante significativo. A tabela a seguir mostra os números de ocorrências em cada *corpus*:

Referentes [-gs] retomados com pronomes		
	<i>Corpus</i> Massa!	<i>Corpus</i> Diário Gaúcho
Pronomes clíticos	22	46
Pronomes plenos	0	1
TOTAL	22 + 47 = 69	

Tabela 20: Dados totais ocorrências de referentes [-gs] retomados com pronomes

Se levarmos em consideração a teoria de que há sobreposição entre dois sistemas no português brasileiro, o grande número de clíticos retomando referentes [-gs] indica que o antigo sistema ainda está se manifestando em resíduo (como vimos na página 40).

Analisando cada caso isoladamente, chegamos à hipótese de que, nessas ocorrências, a retomada anafórica foi feita com um pronome devido a questões discursivas particulares. Organizamos esses casos em três categorias distintas, como veremos com detalhes: (i) concordância ideológica, (ii) referência a grupos (coletivos) e (iii) acessibilidade do referente.

Assim, diante de uma dessas categorias, há uma tendência muito forte de o pronome ser mantido na retomada anafórica. Vejamos alguns exemplos.

3.1.1 Concordância ideológica

É o tipo de concordância que se faz pelo sentido e, por isso, é também denominada “concordância de palavra para sentido” (Bechara 2009, p. 555). Em nossos *corpora*, encontramos três casos de retomada anafórica com concordância ideológica, todos com referentes [-gs] e retomados por pronomes, o que nos leva a crer que, nos casos desse tipo de concordância, a tendência é que o pronome seja mantido.

(24) A Defensoria Pública procurou **a família** para auxiliá-**los** nesta questão.

(25) Prometi que se ele ficasse bom, eu faria uma festa no Natal com **a gurizada** da vila.

(...) Com o tempo e a ajuda de vizinhos e voluntários anônimos, a festa cresceu. (...) Os doadores não apareceram. Estou preocupada, mas não vou desistir. Se for preciso sairei só com o saco vazio para animá-**los**.

(26) No entanto, contou que pagou R\$ 300 pelo **revólver** calibre 38 na Feira do Pau, há um mês e **a** deixou guardada.

Em (24) e (25), há concordância ideológica de número, uma vez que a informação semântica de plural presente nos antecedentes ‘a família’ e ‘a gurizada’ influencia na retomada anafórica, acionando o plural na retomada com pronome e estabelecendo concordância. Já em (26), a concordância é de gênero, pois a informação semântica subentendida em ‘revólver’ é a de que este objeto é hipônimo de ‘arma’ e, portanto, a concordância foi feita com o gênero feminino do hiperônimo ‘arma’.

3.1.2 Grupos (coletivos)

Em nossos dados, 6 casos de referentes [-gs] retomados por pronomes se encaixam nessa categoria, i.e. todos os antecedentes, nesse caso, fazem denotação a um grupo de pessoas (27 e 28) ou coletivos de indivíduos específicos (29). Vejamos alguns deles.

(27) Dependemos de encontrar **médicos** (...) mas não conseguimos atraí-**los**.

(28) A enfermeira explica que atividades como essa são fundamentais para trazer alegria **aos idosos** e também para quem trabalha na casa.

- Essa tarde deixou **eles** de alma lavada. E para nós, funcionários, é como se a gente pudesse se reenergizar.

(29) Conseguimos separar **um elenco legal**, na parte vocal, e enquadrá-lo nas vozes de cada personagem.

Em (27) e (28), ‘médicos’ e ‘os idosos’ recebem o traço [-gs] porque fazem referência a grupos ainda não estabelecido e que pode ser composto por homens e mulheres; por isso, não conseguimos identificar o sexo natural (gênero semântico) nesse referente. Também em (29) temos uma situação semelhante, em que o referente ‘elenco’ denota o coletivo de atores contratados e, portanto, possui o traço [-gs]. Na verdade, todos os casos que encontramos (6 casos) desse tipo foram retomados por pronome (e não ON, como esperávamos).

É importante notarmos que, em todos esses casos, trata-se de concordância gramatical, o que pode comprovar - caso seja feita uma análise mais aprofundada - a hipótese de que, em casos de referentes [+animados], a influência maior é do gênero gramatical, e não semântico.

3.1.3 Acessibilidade do referente

Em 18 ocorrências do nosso *corpus*, a retomada anafórica de um antecedente [-gs] foi realizada com pronome por uma questão de acessibilidade desse referente. Em outras palavras, o pronome foi mantido para identificar o antecedente correto, já que – por uma questão de distância ou por competição com outros antecedentes – a frase poderia ficar confusa ou até mesmo ambígua. Em (30), por exemplo, a acessibilidade do referente poderia ficar comprometida caso fosse usada uma categoria vazia na função de objeto (há outros referentes possíveis no meio do período, como ‘o local’ e ‘a prova’).

(30) O participante receberá até 18 de agosto, no endereço indicado na inscrição, **o cartão** de confirmação com *o local* onde fará *a prova*. Se não recebê-lo até esta data, o inscrito deverá procurar os Correios.

O exemplo a seguir é ainda mais claro:

(31) Sempre que vê **o celular** do pai, *o pintor automotivo Seriano Vargas, 25 anos*, dando sopa no *bolso da calça*, pega-**o** para jogar um pouquinho.

Por se tratar de *corpus* escrito jornalístico, o recurso de utilização do pronome como retomada anafórica para marcar o antecedente é muito produtivo, visto que, na maioria das vezes, os períodos são longos e a notícia precisa ficar clara para o leitor. A quantidade de informações em uma mesma frase, como em (31), faz surgir a necessidade de pronome na retomada anafórica, mesmo que o antecedente seja [-gs].

Amaral (2004) assume a hipótese da *topicalidade discursiva* para solucionar os casos “anômalos” de Schwenter & Silva (2003), em que os referentes foram retomados com pronomes quando as propriedades pareciam indicar o uso de objeto nulo. Segundo Amaral (2004, p. 1), os referentes pronominais não se limitam às características semântico-pragmáticas, mas a estrutura discursiva também é de suma importância. E mais ainda: “as características do discurso se sobrepõem aos traços semântico-pragmáticos quando a coerência discursiva está em jogo”.

O grau de coerência discursiva está relacionado à dificuldade de processamento de um texto. Como certos elementos de um dado enunciado são mais centrais que outros, se esse elemento central é tratado de forma diferente no enunciado seguinte, há um impacto na coerência do discurso, i.e. se o centro do discurso muda, aumenta a carga de inferência de que o leitor precisa para processar corretamente o enunciado (cf. Amaral 2004), como em (32).

(32) João ensina inglês.

Ele é muito bom professor para o **Paulo**.

Ele explica a matéria com clareza.

Ele está aprendendo muito rápido. (Amaral 2004, p. 3)

Até a terceira frase de (32), identificamos ‘João’ como o elemento central. Quando esse centro muda (e, nesse caso, a forma anafórica continua a mesma), demoramos um pouco mais para identificar qual referente é o foco do discurso, fazendo com que a última frase seja classificada como menos coerente. De acordo com Amaral (2004, p. 7), “a forma do objeto direto anafórico selecionada pelo falante reflete seu desejo de marcar um determinado elemento como possível tópico do discurso”. Por exemplo:

(33) Soube, tempos depois, que havia perdido uma oportunidade de emprego devido ao meu **cabelo**. Mas lembro que, naquela época, éramos todas contra *o alisamento*. Naquela época, *o corte* era bem definido. Cortado com precisão. Para penteá-**lo**, era usado o chamado garfo.

Essa teoria vai ao encontro da nossa hipótese de acessibilidade do referente. Em (33), por exemplo, o ‘cabelo’ (que tem o traço [-gs]) foi introduzido como tópico na primeira frase. Depois, a entrevistada pelo jornal comenta sobre os costumes da época e decide reintroduzir o ‘cabelo’ como tópico, utilizando, para isso, o pronome como forma de retomada anafórica, ao invés do objeto nulo. Além de reforçar qual o tópico do discurso, o pronome também facilita a acessibilidade do referente. Vejamos outro exemplo:

(34) Ao contrário do que **as empresas** de telefonia afirmaram, *a AesSul* afirma que *o poste* em questão é, sim, de responsabilidade *deste serviço*. O Diário Gaúcho se compromete a procurá-**las**, para identificar quem deve fazer a troca.

Note que, em (34), temos um caso semelhante ao de (33), pois também é uma situação “anômala” de um referente [-gs] sendo retomado com pronome. Aqui a acessibilidade do referente ficaria comprometida caso tivesse sido utilizada uma forma nula na posição de objeto, já que há outros referentes possíveis no meio do trecho (como ‘a AesSul’, ‘o poste’ ou ‘este serviço’). Além disso, como o tópico discursivo é ‘as empresas’, utilizou-se, então, um pronome para reintroduzir esse elemento central e não comprometer a coerência discursiva do enunciado. Se o redator escolhesse uma forma nula, não conseguiria indicar para o seu leitor a mudança no tópico discursivo e os sujeitos dos últimos enunciados seriam mais salientes.

3.1.4 Outros casos

Apesar de termos levantado algumas hipóteses para tentar explicar o motivo de ocorrências de referentes [-gs] retomados com pronomes e de termos separado essas ocorrências em três categorias, 42 casos (dos 69 casos totais) não se encaixaram nessas opções.

Novamente, nossos dados mostram que o clítico tem a tendência de se manter no discurso escrito, ao contrário do que acontece com a fala vernacular em PB. Isso indica que o grau de escolarização e normatização ainda é muito forte na mídia impressa, mesmo que ela seja considerada popular, como são os nossos *corpora*. Em (35), podemos perceber essa normatização, visto que, nesse caso, seria esperado o uso de objeto nulo; mas, ainda que fosse usado um pronome, o pleno ('ela') seria mais adequado à fala popular, ao invés do clítico.

(35) **A parada**, até uma semana atrás, era mais longe. A EPTC veio aqui, trocou-a de lugar.

Além disso, é importante destacarmos que não podemos detectar o quanto as falas reportadas foram modificadas pelo jornalista ou redator na transcrição para o texto escrito jornalístico. Considerando que o público dos jornais Diário Gaúcho e Massa! é, majoritariamente, das classes C e D, e que o clítico está em desuso na fala vernacular em PB (cf. Duarte 1989, Cyrino 1994, 1996, Monteiro 1994, Nunes 1996), a quantidade de pronomes clíticos que encontramos dentro de fala no discurso direto é, de certa forma, considerável (do total de 208 clíticos, encontramos 47 ocorrências dentro de fala reportada), como mostra o gráfico abaixo.

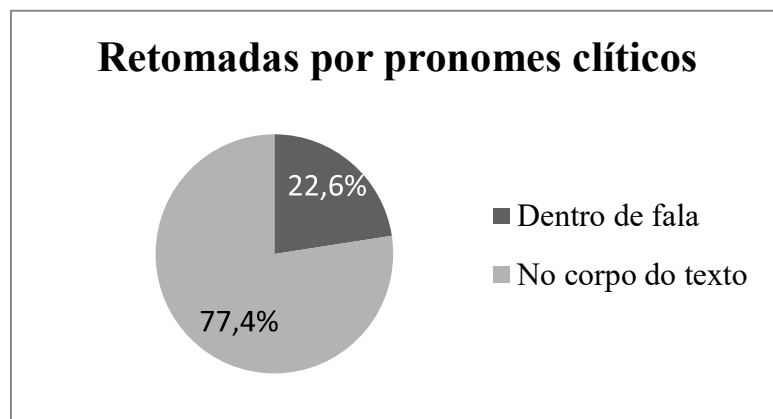


Gráfico 12: Retomadas por pronomes clíticos em nossos dados totais

Esse número fica ainda mais expressivo se o compararmos com a quantidade de pronomes plenos em nossos *corpora*. Dos 216 pronomes, apenas 8 pronomes plenos ('ele'/'ela') foram encontrados, todos também dentro de fala. Esse fato também reforça a ideia de que, na transcrição do discurso falado para a escrita dos jornais, a escrita é monitorada em função da escolarização e, principalmente, da normatização.

3.2 Análise dos casos “destoantes” com ONs

É interessante destacarmos, também, que 63,8% dos referentes retomados com ONs estão dentro de alguma fala (no discurso direto), indicando que esse tipo de retomada anafórica é, realmente, mais comum em língua falada, mas que já está presente de maneira significativa em língua escrita padrão (pois 36,2% estão no corpo do texto dos jornais).

Ainda assim, quando aparece um objeto nulo, podemos explicar o fenômeno a partir da hipótese do gênero semântico (como vimos capítulo 2), pois um único traço do referente explica a escolha de objeto nulo na retomada anafórica de uma forma mais econômica que a hipótese de animacidade e especificidade. Abaixo, reproduzimos novamente o gráfico 7, que ilustra essa condicionamento: em casos de referente com o traço [-gs], a retomada é majoritariamente realizada com categoria vazia na função de objeto.

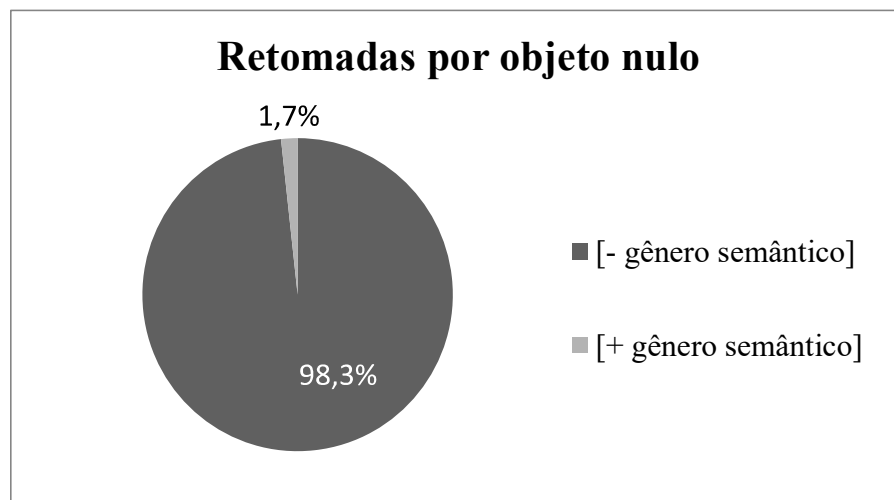


Gráfico 7: Traço [gênero semântico] e objetos nulos em nossos *corpora*

Entretanto, encontramos apenas dois casos considerados anômalos em todo o *corpus*, em que a retomada de um antecedente com o traço [+gs] foi feita com objeto nulo, ao invés de pronome, como era o esperado. Novamente, as questões discursivas são extremamente relevantes e uma análise motivada pela topicalidade, como propõe Amaral (2004), nos permite chegar a uma explicação para esses casos.

Se o elemento [+gs] já está estabelecido como tópico do discurso, i.e. se outros elementos no enunciado asseguram a topicalidade do discurso, o falante (nesse caso, o redator) pode optar por uma forma nula sem “dar indicações errôneas ou permitir falsos julgamentos sobre o centro do discurso” (Amaral 2004, p. 7). É o que vemos em (36), pois ‘o pequeno Pedro Machado Borgmann’ é colocado como o elemento central e se mantém como tópico do discurso ao longo de todo o enunciado e, ao final, é retomado com objeto nulo porque seu *status* de tópico já está assegurado, eliminando qualquer possibilidade de interpretações equivocadas.

(36) Quando chega da creche, no final da tarde, **o pequeno Pedro Machado Borgmann**, quatro anos, já tem estabelecida sua rotina: se divertir com os joguinhos do *tablet* até a hora da janta.

Em agosto, quando completou quatro anos, **Pedro** abriu mão de uma festa de aniversário com o tema do *Super Man* para ganhar o *tablet* de presente. Teve uma comemoração simples na creche e, desde então, desliza os polegares e indicadores na tela do computador portátil. Envolvido com a brincadeira digital, chega a pedir

silêncio à mãe. Afinal, precisa de concentração. Acha sozinho jogos e aplicativos, vai movendo os personagens, derrubando obstáculos. De tão quietinho, quase nem se nota a presença em casa e ele nem ouve a mãe chamar Ø.²⁸

Para Amaral (2004, p. 7),

Se um elemento anafórico que é tópico do discurso tem um referente que apresenta as propriedades de um possível tópico, e se outras características do discurso garantem que este elemento seja o tópico, o falante pode optar por uma forma menos marcada para sua realização.²⁹

Em (37), nossa outra ocorrência de referente [+gs] retomado com objeto nulo parece reforçar essa hipótese. O tópico central, 'Daniel de Moura Ribeiro', é assegurado por outros elementos discursivos, como 'o menino esperto', para, então, ser retomado com uma categoria vazia.

(37) É até difícil de acreditar que **Daniel de Moura Ribeiro** tenha apenas quatro anos.

Com 41kg distribuídos em seu 1,15m de altura, **o menino esperto** preocupa a família pelo excesso de peso. Em acompanhamento com um pediatra de Viamão, onde mora, os exames **do menino** revelam que ele precisa de uma atenção especial. (...)

Isso está, inclusive, documentado na carteirinha de saúde **do menino**. (...) Além do atendimento com um endocrinologista, **Daniel** também foi encaminhado, com urgência, no final de julho, para uma consulta com neurologista pediátrico. (...)

- Ele tá muito agitado, precisa tomar remédio para dormir. Como vai ser quando ele tiver de ir para a escola no ano que vem? – preocupa-se a bisavó.

Conforme a secretária de saúde de Viamão, Sandra Sperotto, e de acordo com comprovantes enviados ao jornal, o agendamento com o especialista foi correto. No entanto, o médico teria se negado a atender Ø.

Assim, nos parece que, além dos traços semântico-pragmáticos dos antecedentes, principalmente o traço de gênero semântico, as questões discursivas e o contexto em que

²⁸ Além disso, o verbo "chamar" permite elisão do argumento (como, por exemplo, em "quem tá chamando?" significa "quem tá NOS chamando"), mas normalmente primeira pessoa não permite objeto nulo.

²⁹ Com "forma menos marcada", Amaral se refere ao objeto nulo. Em nosso trabalho, não entraremos na discussão de forma marcada vs. não marcada (mas cf. Othero, Ayres, Schwanke & Spinelli 2016a e 2016b).

ocorre a retomada anafórica de objeto direto também são relevantes para explicar como se dá a escolha entre pronome e objeto nulo em PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a retomada do objeto direto de 3ª pessoa em português brasileiro (PB), especificamente em língua escrita padrão, e procuramos averiguar se as estratégias relativamente inovadoras e mais comuns em língua falada - pronomes plenos e objetos nulos - já estão presentes de maneira significativa em língua escrita. Para isso, analisamos dois *corpora* de jornais populares e um *corpus* de redações infantis escolares, categorizando os referentes das retomadas anafóricas a partir dos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico, que são considerados relevantes para o condicionamento de pronome ou objeto nulo.

Buscamos analisar nossos dados a partir das duas hipóteses existentes na literatura sobre o condicionamento da retomada anafórica de objetos diretos em PB, a saber, a hipótese dos traços de animacidade e especificidade (Duarte 1989, Cyrino 1994/1997, Schwenter & Silva 2003) e a hipótese do gênero semântico (Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015), para, então, contrastar os resultados encontrados e chegarmos a uma explicação mais clara para o fenômeno de retomada anafórica, principalmente a fim de constatar se o traço de gênero semântico é o gatilho essencial e suficiente para o condicionamento de pronomes vs. objetos nulos nas retomadas anafóricas de 3ª pessoa.

Em primeiro lugar, verificamos que o pronome clítico tem a tendência de se manter no discurso escrito, ao contrário do que acontece com a fala vernacular em PB, indicando que o grau de escolarização e normatização ainda é muito forte na mídia impressa popular. O clítico também é bastante usado pelas crianças como forma anafórica na língua escrita, aparecendo nos dados textuais apenas nas séries finais, à medida que o grau de escolarização e normatização em que a criança está inserida vai aumentando.

Ainda assim, quando aparece um objeto nulo, a hipótese do gênero semântico parece explicar o fenômeno de retomada anafórica de uma forma mais econômica (em contraste com a hipótese de animacidade e especificidade), a partir de um único traço (Navalha de Occam) e, principalmente, de uma forma mais natural, pois, segundo Creus e Menuzzi (2004), trata-se simplesmente de um processo geral de anáfora, no qual forma anafórica (i.e. ON ou pronome) concorda com seu antecedente.

Por fim, discutimos alguns casos que não “se comportam” de acordo com as previsões da teoria do gênero semântico, acreditando que esses “casos destoantes” são retomadas anafóricas influenciadas por princípios discursivos particulares, uma vez que a estrutura discursiva também se mostrou importante, além das características semântico-pragmáticas dos referentes.

Ainda que haja muito a ser pesquisado sobre as retomadas anafóricas e a distribuição entre objetos nulos e pronomes, esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para os estudos do fenômeno em PB, principalmente em língua escrita padrão contemporânea.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. A forma do objeto direto em português – uma análise motivada pela topicalidade. **Anais do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Rio de Janeiro, 2004.
- AYRES, M. R. **Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil**. Dissertação de mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2016.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- CAMARA JR., J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959 (3. ed.).
- CASAGRANDE, S. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro**. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.
- CASAGRANDE, S. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, edição especial n. 6, 2012.
- CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.
- CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993 (2.a ed., 1996).
- CYRINO, S. M. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.)
- CYRINO, S. M.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a comparative analysis. **Journal of Portuguese Linguistics** 1(2), 2002.
- CYRINO, S. M.; MATOS, G. Null Objects and VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZWS, W.; MENUZZI, S.; & COSTA, J. (orgs.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. 1ed.Oxford: Wiley-Blackwell, 2016.

DUARTE, M. E. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALO, F. (org.). **Fotografia Sociolinguística**. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1989.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993 (2.a ed., 1996).

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **O objeto nulo no português rural baiano: teoria temática e eclipse de DP**. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

HUANG, C. T. J. On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry**, v. 15, n. 4, p. 531-574, 1984.

KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. **Linguistic perspectives on the Romance languages**, ad. by ASHBY, W. J.; MITHUN, M.; & PERISSINOTTO, G. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

MATOS, G.; CYRINO, S. Eclipse de VP no português europeu e no português brasileiro. **Boletim da Abralin** 26, número especial, 2001.

MENUZZI, S.; CREUS, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. **Anais do 6º Encontro Celsul – Centro de Estudos Linguísticos do Sul**, 2005.

MILESKI, I. Uma discussão sobre condicionamentos semânticos do uso do objeto nulo no português brasileiro. **Via Litterae**, Anápolis, v. 6, n. 2, 2014.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes Pessoais: Subsídios para uma Gramática do Português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NUNES, J. Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronome Tônico na Posição de Objeto em Português Brasileiro. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma Viagem Diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993 (2.a ed., 1996).

OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

OTHERO, G.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. O objeto nulo em português brasileiro: motivações semânticas e pragmáticas e seu condicionamento. II **Seminário de Teoria e Análise Linguística da UFRGS**, 2016a.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. **Working Papers em Linguística (Impresso)**, 2016b.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Doctoral dissertation, Univ. of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos - animacidade/especificidade vs. gênero semântico**. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2015.

RAPOSO, E. P. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.). **Studies in Romance Linguistics**. Foris, Dordrecht, 1986.

RAPOSO, E. P. Objectos Nulos e CLLD: uma teoria unificada. **Revista da Abralin**, vol. 3, n. 1-2, 2004.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. 2002. Overt x Null Direct Object in Spoken Brazilian Portuguese: A Semantic/Pragmatic Account. **Source: Hispania**, v. 85, n. 3, special portuguese issue, 2002.

SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. Anaphoric direct objects in spoken Brazilian Portuguese: semantics and pragmatics. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, 2003.

VIEIRA, S. R. Variação estilística e ordem dos clíticos pronominais: a influência dos gêneros textuais e dos veículos jornalísticos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N (Orgs.). **Variação Estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1

ANÁLISE DE DADOS - Jornal Diário Gaúcho (250 textos)

Pronomes clíticos

Parte I

1. a professora [+a, +e, +gs] p. 2
2. a gaúcha [+a, +e, +gs] p.6
3. Jorge [+a, +e, +gs] p. 6 (dentro de fala)
4. Diamantino [+a, +e, +gs] p. 8
5. o ladrão [+a, +e, +gs] p. 9 (dentro de fala)
6. a vítima [+a, +e, +gs] (é homem) p. 11
7. o empresário [+a, +e, +gs] p.12
8. fósforos, cigarros e assemelhados [-a, -e, -gs] p. 13
9. Pyterson [+a, +e, +gs] p. 13
10. o rapaz [+a, +e, +gs] p. 17 (dentro de fala)
11. Wagner [+a, +e, +gs] p. 20
12. o companheiro [+a, +e, +gs] p. 21
13. o companheiro [+a, +e, +gs] p. 21 (dentro de fala)
14. o jovem [+a, +e, +gs] p. 25
15. a vítima (Cavalo - apelido) [+a, +e, +gs] p. 25
16. Alexander [+a, +e, +gs] p. 25
17. Elúcio [+a, +e, +gs] p. 26
18. documentos [-a, +e, -gs] p. 26 (acessibilidade do referente)
19. Wagner [+a, +e, +gs] p.26
20. Wagner [+a, +e, +gs] p. 26
21. Ramon [+a, +e, +gs] p. 28
22. o cabelo [-a, +e, -gs] p. 36
23. dois jovens/presos [+a, +e, +gs] (são homens) p. 39

Parte II

1. Roth [+a, +e, +gs] p. 41 (dentro de fala)
2. Roth [+a, +e, +gs] p. 41 (dentro de fala)
3. eletricista [+a, +e, +gs] p. 42
4. eletricista [+a, +e, +gs] p. 42
5. Everton [+a, +e, +gs] p. 43
6. Jackson [+a, +e, +gs] p. 44
7. Jackson [+a, +e, +gs] p. 45
8. Jackson [+a, +e, +gs] p. 45
9. o cartão [-a, +e, -gs] p. 49 (acessibilidade do referente)

10. a vítima (homem) [+a, +e, +gs] p. 50
11. pratos [-a, -e, -gs] p. 72
12. Fernandão [+a, +e, +gs] p. 74
13. o filho [+a, +e, +gs] p. 76

Parte III

1. Ilan [+a, +e, +gs] p. 3
2. o professor [+a, +e, +gs] p. 4
3. o professor [+a, +e, +gs] p. 4
4. uma tartaruga (personagem) [+a, -e, -gs] p. 6
5. o andarilho [+a, +e, +gs] p. 7
6. Júlio [+a, +e, +gs] p. 7
7. o posto [-a, +e, -gs] p. 17 (dentro de fala) (acessibilidade do referente)
8. um comparsa [+a, +e, +gs] p. 18
9. o plano [-a, +e, -gs] p. 22
10. o plano [-a, +e, -gs] p. 22
11. Rodrigo [+a, +e, +gs] p. 35
12. a mãe [+a, +e, +gs] p. 36 (dentro de fala)
13. Edu [+a, +e, +gs] p. 42
14. Raí [+a, +e, +gs] p. 42 (dentro de fala)
15. Renato [+a, +e, +gs] p.48
16. Josmar [+a, +e, +gs] p. 53
17. a vítima (homem) [+a, +e, +gs] p. 53
18. a vítima (homem) [+a, +e, +gs] p. 53
19. uma pessoa (em geral) [+a, -e, -gs] p. 54 (dentro de fala)
20. um jovem [+a, +e, +gs] p. 55
21. os soldados [+a, +e, +gs] p. 55 (dentro de fala)

Parte IV

1. médicos [+a, -e, -gs] p.60 (dentro de fala) (denota grupo)
2. a lista [-a, +e, -gs] p.60
3. energia [-a, -e, -gs] p. 65 (dentro de fala)
4. documentos [-a, -e, -gs] p.70 (acessibilidade do referente)
5. a senha [-a, -e, -gs] p. 70
6. o construtor civil [+a, +e, +gs] p. 70
7. a família [+a, +e, -gs] p. 72 (concordância ideológica)
8. os discípulos [+a, +e, +gs] p. 74
9. o lar [-a, +e, -gs] p. 84
10. os adolescentes [+a, +e, -gs] p. 85 (denota grupo)
11. jovens [+a, +e, -gs] p. 85 (denota grupo)
12. a viseira [-a, -e, -gs] p. 88
13. Honório [+a, +e, +gs] p. 89
14. Honório [+a, +e, +gs] p. 90
15. o filho [+a, +e, +gs] p. 90 (dentro de fala)
16. o filho [+a, +e, +gs] p. 90 (dentro de fala)

17. o pescador [+a, +e, +gs] p. 90
18. o filho [+a, +e, +gs] p. 91 (dentro de fala)
19. a atriz [+a, +e, +gs] p. 94
20. os gases tóxicos [-a, -e, -gs] p.98
21. os meninos [+a, +e, +gs] p. 99
22. os meninos [+a, +e, +gs] p. 99
23. a vida [-a, -e, -gs] p. 105
24. a doméstica [+a, +e, +gs] p. 107
25. os pediatras [+a, -e, -gs] p. 113 (dentro de fala) (denota grupo)
26. um elenco [+a, +e, -gs] p. 120 (dentro de fala) (denota grupo)
27. Caroline [+a, +e, +gs] p. 121
28. um perfil [-a, -e, -gs] p. 125
29. o celular [-a, +e, -gs] p. 126 (acessibilidade do referente)
30. a tela [-a, -e, -gs] p. 129
31. a empresa [-a, +e, -gs] p. 131 (acessibilidade do referente)
32. o taxista [+a, +e, +gs] p. 132
33. Gilmar [+a, +e, +gs] p. 134
34. as abelhas [+a, -e, -gs] p. 137 (dentro de fala)
35. o correio eletrônico [-a, -e, -gs] p. 140 (acessibilidade do referente)
36. uma lista [-a, +e, -gs] p. 140 (acessibilidade do referente)
37. o cabelo [-a, -e, -gs] p. 142 (dentro de fala) (acessibilidade do referente)
38. a obra [-a, +e, -gs] p. 144 (acessibilidade do referente)
39. o Natal [-a, -e, -gs] p. 147
40. a gurizada [+a, +e, -gs] p. 147 (dentro de fala) (concordância ideológica)
41. o outro [+a, -e, -gs] p. 148 (dentro de fala)
42. o ritmo [-a, +e, -gs] p. 148
43. Marino [+a, +e, +gs] p. 149
44. Chumbo [+a, +e, +gs] p. 149

Parte V

1. o morador [+a, +e, +gs] p. 156
2. o parceiro [+a, +e, +gs] p. 156
3. a parada [-a, +e, -gs] p. 159 (dentro de fala)
4. a jornada [-a, +e, -gs] p. 163
5. as atividades [-a, -e, -gs] p. 170 (acessibilidade do referente)
6. Queli [+a, +e, +gs] p. 171
7. meu filho [+a, +e, +gs] p. 173 (dentro de fala)
8. o corrimão [-a, +e, -gs] p. 188
9. o serviço [-a, +e, -gs] p. 193
10. Maria [+a, +e, +gs] p. 195
11. as empresas [-a, +e, -gs] p. 200 (acessibilidade do referente)
12. o procedimento [-a, +e, -gs] p. 201
13. o braço [-a, +e, -gs] p. 203 (dentro de fala)
14. o procedimento [-a, +e, -gs] p. 204 (acessibilidade do referente)

Pronomes plenos

Parte I

1. Edgar [+a, +e, +gs] p.3 (dentro de fala)
2. o ladrão [+a, +e, +gs] p. 9 (dentro de fala)
3. o ladrão [+a, +e, +gs] p.9 (dentro de fala)

Parte II

1. Everton [+a, +e, +gs] p. 43 (dentro de fala)

Parte III

1. Idosos [+a, +e, -gs] p. 19 (dentro de fala) (denota grupo)

Parte IV

1. o filho [+a, +e, +gs] p. 91 (dentro de fala)

Parte V

1. o menino [+a, +e, +gs] p. 182

Objetos nulos

Parte I

1. a casa [-a, +e, -gs] p. 9 (dentro de fala)
2. orelhão (telefone) [-a, -e, -gs] p. 13 (dentro de fala)
3. gol [-a, -e, -gs] p. 18 (dentro de fala)
4. gol [-a, -e, -gs] p. 18
5. gol [-a, -e, -gs] p. 19
6. o placar [-a, +e, -gs] p. 19
7. o disco [-a, +e, -gs] p. 22
8. o disco [-a, +e, -gs] p. 22 (dentro de fala)
9. o nome [-a, +e, -gs] p. 30
10. um escritório [-a, -e, -gs] p. 34 (dentro de fala)
11. o cabelo [-a, +e, -gs] p. 36 (dentro de fala)
12. a mudança [-a, +e, -gs] p. 36 (dentro de fala)
13. o cabelo [-a, +e, -gs] p. 36 (dentro de fala)
14. o desfile [-a, +e, -gs] p.38 (dentro de fala)
15. o desfile [-a, +e, -gs] p.38 (dentro de fala)

Parte II

1. o Gauchão [-a, +e, -gs] p. 43 (dentro de fala)
2. o fracasso [-a, +e, -gs] p. 44
3. a carteira de habilitação [-a, +e, -gs] p. 46 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
4. a inscrição [-a, +e, -gs] p. 49 (dentro de fala)
5. as aulas [-a, +e, -gs] p. 50 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
6. a profissão [-a, +e, -gs] p. 56 (dentro de fala)
7. o gol [-a, +e, -gs] p. 61
8. o gol [-a, +e, -gs] p. 61
9. o duelo [-a, +e, -gs] p. 63 (dentro de fala)

Parte III

1. as biojoias [-a, +e, -gs] p. 10 (dentro de fala)
2. as escamas [-a, -e, -gs] p. 11
3. um estande [-a, -e, -gs] p.15
4. o ponto [-a, -e, -gs] p. 16 (dentro de fala)
5. o ponto [-a, -e, -gs] p. 16 (dentro de fala)
6. o exame [-a, +e, -gs] p. 21 (dentro de fala)
7. o exame [-a, +e, -gs] p. 21 (dentro de fala)
8. aulas [-a, -e, -gs] p. 23 (dentro de fala)
9. os lencinhos [-a, +e, -gs] p. 25 (dentro de fala)
10. os lencinhos [-a, +e, -gs] p. 25 (dentro de fala)
11. o restaurante [-a, +e, -gs] p. 27 (dentro de fala)
12. um retorno [-a, -e, -gs] p. 51 (dentro de fala)
13. uma providência [-a, -e, -gs] p. 52
14. o movimento [-a, -e, -gs] p. 57 (ELIPSE DE VP)

Parte IV

1. o problema [-a, +e, -gs] p. 65
2. vaga [-a, -e, -gs] p. 76 (dentro de fala)
3. estudo [-a, -e, -gs] p. 76 (dentro de fala)
4. a TV [-a, -e, -gs] p. 77 (dentro de fala)
5. o campeonato [-a, +e, -gs] p. 81 (dentro de fala)
6. os eletrodomésticos [-a, -e, -gs] p. 84 (dentro de fala)
7. o equipamento [-a, -e, -gs] p. 98 (dentro de fala)
8. a casa [-a, +e, -gs] p. 107 (dentro de fala)
9. os equipamentos [-a, +e, -gs] p. 117
10. o mundo [-a, +e, -gs] p. 120 (dentro de fala)
11. o musical [-a, +e, -gs] p. 120 (dentro de fala)
12. o táxi [-a, -e, -gs] p. 121
13. o aplicativo [-a, -e, -gs] p. 121 (dentro de fala)
14. o aplicativo [-a, -e, -gs] p. 122

15. os bonequinhos [+a, -e, -gs] p. 125 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
16. Pedro [+a, +e, +gs] p. 126
17. o salário [-a, -e, -gs] p. 131 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
18. o comércio [-a, +e, -gs] p.134 (dentro de fala)
19. o aluguel [-a, -e, -gs] p. 139 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
20. o cabelo [-a, +e, -gs] p. 142 (dentro de fala)
21. o cabelo [-a, +e, -gs] p. 142 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
22. caixas [-a, -e, -gs] p. 143
23. os modelos [-a, -e, -gs] p. 143
24. a banca [-a, +e, -gs] p. 143
25. as compras [-a, -e, -gs] p. 154 (dentro de fala)

Parte V

1. o trecho [-a, +e, -gs] p. 157
2. resposta [-a, -e, -gs] p. 158
3. a parada [-a, -e, -gs] p. 160 (dentro de fala)
4. tratamento [-a, -e, -gs] p. 160
5. o papel [-a, +e, -gs] p. 161
6. a via [-a, +e, -gs] p. 166 (dentro de fala)
7. o terreno [-a, +e, -gs] p. 169 (dentro de fala)
8. a cancha [-a, +e, -gs] p. 170 (dentro de fala)
9. o lixo [-a, +e, -gs] p. 175 (dentro de fala)
10. a carteira [-a, +e, -gs] p. 177
11. a calçada [-a, +e, -gs] p. 178 (dentro de fala)
12. o terreno [-a, +e, -gs] p. 179 (dentro de fala)
13. o menino [+a, +e, +gs] p. 182
14. a compra [-a, +e, -gs] p. 196 (dentro de fala)
15. o poste [-a, +e, -gs] p. 200 (dentro de fala)
16. as pedras [-a, -e, -gs] p. 201 (dentro de fala)

ANEXO 2

ANÁLISE DE DADOS – Jornal Massa! (250 textos)

Pronomes clíticos

Parte I

1. um biscoito [-a, +e, -gs] p. 6 (acessibilidade do referente)
2. os filhos [+a, +e, -gs] p. 6
3. a pessoa [+a, +e, +gs] p. 9 (mulher) (dentro de fala)
4. relógios [-a, -e, -gs] p.10
5. os infratores [+a, +e, +gs] p. 16

6. a medida [-a, +e, -gs] p. 18 (dentro de fala)
7. o salto alto [-a, -e, -gs] p. 19 (dentro de fala)
8. o bebê (menino) [+a, +e, +gs] p. 20
9. uma criança [+a, +e, -gs] p. 20 (dentro de fala)
10. o Rei [+a, +e, +gs] p. 23
11. Roberto Carlos [+a, +e, +gs] p. 27
12. o Rei [+a, +e, +gs] p. 27
13. o Rei [+a, +e, +gs] p. 28 (dentro de fala)
14. o 13º salário [-a, -e, -gs] p. 33
15. o cantor [+a, +e, +gs] p. 35
16. minha mãe [+a, +e, +gs] p. 40 (dentro de fala)
17. a apresentadora [+a, +e, +gs] p. 41
18. o olho [-a, -e, -gs] p. 43
19. Elaine [+a, +e, +gs] p. 45
20. Elaine [+a, +e, +gs] p. 45
21. um automóvel [-a, -e, -gs] p. 47
22. a arma/revólver [-a, +e, -gs] p. 49 (concordância ideológica)

Parte II

1. dois homens [+a, +e, +gs] p. 54
2. o padre [+a, +e, +gs] p. 54
3. o padre [+a, +e, +gs] p. 54
4. o corpo [-a, +e, -gs] p. 56 (dentro de fala)
5. o líder [+a, +e, +gs] p. 56
6. policial [+a, +e, +gs] p. 62
7. o garoto [+a, +e, +gs] p. 65
8. a mulher [+a, +e, +gs] p. 66
9. Fábio [+a, +e, +gs] p. 68
10. o marido [+a, +e, +gs] p. 71
11. Elize [+a, +e, +gs] p. 71
12. Galego [+a, +e, +gs] p. 72
13. uma mulher [+a, -e, +gs] p. 72 (dentro de fala)
14. o suspeito [+a, +e, +gs] p. 73 (dentro de fala)
15. as ideias [-a, -e, -gs] p. 75 (dentro de fala)

Parte III

1. Felipe [+a, +e, +gs] p. 78
2. três elementos [+a, +e, +gs] p. 82 (dentro de fala)
3. os EUA [-a, +e, -gs] p. 83 (acessibilidade do referente)
4. o cantor [+a, +e, +gs] p. 86
5. o cantor [+a, +e, +gs] p. 86
6. o policial [+a, +e, +gs] p. 88
7. Davi [+a, +e, +gs] p. 89

8. remédios [-a, -e, -gs] p. 90
9. as mulheres [+a, -e, +gs] p. 94
10. a manicure [+a, +e, +gs] p. 97
11. o policial [+a, +e, +gs] p. 99
12. o policial [+a, +e, +gs] p. 99
13. Igor [+a, +e, +gs] p. 101
14. o animal [+a, -e, -gs] p. 103 (dentro de fala)
15. dois traficantes [+a, +e, +gs] p. 107
16. Jean [+a, +e, +gs] p. 110 (dentro de fala)
17. os fiscais [+a, -e, -gs] p. 111 (acessibilidade do referente)
18. o boleto [-a, -e, -gs] p. 111 (acessibilidade do referente)
19. flores de plástico [-a, -e, -gs] p. 111 (acessibilidade do referente)
20. um policial [+a, +e, +gs] p. 113

Parte IV

1. Waldir [+a, +e, +gs] p. 120
2. Mário [+a, +e, +gs] p. 121 (dentro de fala)
3. a diarista [+a, +e, +gs] p. 123
4. Alex [+a, +e, +gs] p. 124
5. Dudu [+a, +e, +gs] p. 130 (dentro de fala)
6. o jovem [+a, +e, +gs] p. 134
7. o motoqueiro [+a, +e, +gs] p. 136
8. o motoqueiro [+a, +e, +gs] p. 136
9. o Baixinho/Romário [+a, +e, +gs] p. 138 (dentro de fala)
10. o Baixinho [+a, +e, +gs] p. 138 (dentro de fala)
11. Ivanzinho [+a, +e, +gs] p. 143
12. Lorena [+a, +e, +gs] p. 144
13. a ex-mulher [+a, +e, +gs] p. 144
14. Tony [+a, +e, +gs] p. 144
15. a trans/Nataly [+a, +e, +gs] p. 147
16. Eva [+a, +e, +gs] p. 147
17. o motorista [+a, +e, +gs] p. 149
18. Valter [+a, +e, +gs] p. 153
19. minha mulher [+a, +e, +gs] p. 154 (dentro de fala)
20. Lúcio [+a, +e, +gs] p. 154
21. Dado Dolabella [+a, +e, +gs] p. 155
22. o cachorro [+a, +e, +gs] p. 155 (dentro de fala)
23. Leonardo [+a, +e, +gs] p. 158
24. um veleiro/barco [-a, +e, -gs] p. 15
25. a loja [-a, +e, -gs] p. 162 (dentro de fala)
26. Hillary Clinton [+a, +e, +gs] p. 162
27. Hillary Clinton [+a, +e, +gs] p. 162
28. uma arma [-a, -e, -gs] p. 167 (dentro de fala)
29. o cozinheiro [+a, +e, +gs] p. 169
30. Adriele [+a, +e, +gs] p. 170
31. Adriele [+a, +e, +gs] p. 170

- 32. Adriele [+a, +e, +gs] p. 170 (dentro de fala)
- 33. a irmã [+a, +e, +gs] p. 171
- 34. a garota [+a, +e, +gs] p. 172
- 35. a adolescente [+a, +e, +gs] p. 172
- 36. um bar [-a, +e, -gs] p. 173 (dentro de fala)

Pronomes plenos

Parte IV

- 1. Adriele [+a, +e, +gs] p. 170 (dentro de fala)

Objetos nulos

Parte I

- 1. os fios [-a, -e, -gs] p. 4 (dentro de fala)
- 2. a calvície [-a, +e, -gs] p. 4 (dentro de fala)
- 3. as entradas [-a, +e, -gs] p. 4 (dentro de fala)
- 4. a calvície [-a, +e, -gs] p. 4 (dentro de fala)
- 5. o pedido [-a, +e, -gs] p. 8
- 6. a experiência [-a, +e, -gs] p.9 (dentro de fala)
- 7. o dinheiro [-a, +e, -gs] p. 11 (dentro de fala)
- 8. o concurso [-a, +e, -gs] p. 13 (dentro de fala)
- 9. o concurso [-a, +e, -gs] p. 13 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
- 10. o concurso [-a, +e, -gs] p. 13 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
- 11. o concurso [-a, +e, -gs] p. 13 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
- 12. o concurso [-a, +e, -gs] p. 13 (dentro de fala)
- 13. salto alto [-a, -e, -gs] p. 19 (dentro de fala)
- 14. lesões/dor [-a, -e, -gs] p. 19
- 15. a festa [-a, +e, -gs] p. 19 (dentro de fala)
- 16. os veículos [-a, -e, -gs] p. 21
- 17. os CDs [-a, +e, -gs] p. 23 (dentro de fala)
- 18. o objeto [-a, +e, -gs] p. 24 (dentro de fala)
- 19. as casas [-a, +e, -gs] p. 26 (dentro de fala)
- 20. a chance [-a, +e, -gs] p. 30
- 21. a promoção [-a, +e, -gs] p. 38
- 22. o jogo [-a, +e, -gs] p.41
- 23. a missão cumprida [-a, +e, -gs] p. 42
- 24. a vitória [-a, +e, -gs] p. 42
- 25. clientes [+a, -e, -gs] p. 44 (ELIPSE DE VP)
- 26. os fermentos [-a, +e, -gs] p. 45

Parte II

1. o relacionamento [-a, +e, -gs] p. 51
2. o ensaio [-a, +e, -gs] p. 55 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
3. o quebra-queixo [-a, -e, -gs] p. 58 (dentro de fala)
4. o doce [-a, +e, -gs] p. 58 (dentro de fala)
5. quebra-queixo [-a, -e, -gs] p. 58 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
6. o doce [-a, -e, -gs] p. 58 (dentro de fala)
7. os fatos [-a, +e, -gs] p. 60 (dentro de fala)
8. a dança [-a, -e, -gs] p. 66 (dentro de fala)
9. os bancos [-a, -e, -gs] p. 69

Parte III

1. o CD [-a, +e, -gs] p. 77 (dentro de fala)
2. a água [-a, +e, -gs] p. 80
3. o caso [-a, +e, -gs] p. 81 (dentro de fala)
4. as ambulâncias [-a, +e, -gs] p. 85 (dentro de fala)
5. a música [-a, +e, -gs] p. 94 (dentro de fala)
6. a música [-a, +e, -gs] p. 94 (dentro de fala)
7. a porta [-a, -e, -gs] p. 103 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
8. o módulo [-a, +e, -gs] p. 109 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
9. a candidatura [-a, +e, -gs] p. 119 (dentro de fala)

Parte IV

1. o Gabriel [+a, +e, +gs] p. 125 (dentro de fala) (ELIPSE DE VP)
2. os mariscos [-a, -e, -gs] p. 127 (dentro de fala)
3. uma obra [-a, -e, -gs] p. 156 (dentro de fala)
4. a agressão [-a, +e, -gs] p. 170
5. um cemitério [-a, +e, -gs] p. 175 (dentro de fala)
6. o cachê [-a, +e, -gs] p. 177
7. a execução [-a, +e, -gs] p. 177
8. o lixo [-a, -e, -gs] p. 178 (dentro de fala)
9. a candidatura [-a, +e, -gs] p. 119 (dentro de fala)

ANEXO 3

ANÁLISE DE DADOS – Redações escolares (88 textos)

Pronomes clíticos

1ª e 2ª séries

1. Solanje [+a, +e, +gs] p. 1
2. Tatiane [+a, +e, +gs] p.1
3. Ele [+a, -e??, +gs] p. 1
4. uma planta mucha [-a, +e, -gs] p. 2
5. a planta [-a, +e, -gs] p. 2
6. uma torneira [-a, -e, -gs] p. 2
7. o cachorro [+a, +e, +gs] p. 2
8. seu cachorro [+a, +e, +gs] p. 2
9. uma planta [-a, -e, -gs] p.2
10. a Luara [+a, +e, +gs] p. 2

3ª e 4ª séries

1. Uma professora [+a, +e, +gs] p. 3
2. Um amigo [+a, -e, -gs??] p.3
3. Ele e Axuca [??+a, +e, +gs] p.3
4. Uma casa [-a, -e, -gs] p. 3
5. Um tubarão [+a, -e, -gs] p. 4
6. O cachorro [+a, +e, +gs] p. 4
7. A baleia [+a, +e, -gs] p. 4
8. Uma urso [+a, -e, +gs] p. 4
9. Ele [+a, +e, +gs] p. 4
10. Chapéu [-a, -e, -gs] p. 4
11. Um menino [+a, +e, +gs] p. 4
12. Um menino [+a, +e, +gs] p. 4
13. O menino [+a, +e, +gs] p. 4
14. A lua [+a, +e, -gs] p. 4 (personagem de história)
15. A urso Francielle [+a, +e, +gs] p. 4
16. A urso Francielle [+a, +e, +gs] p.4
17. O Cascão [+a, +e, +gs] p.4

Pronomes plenos

1ª e 2ª séries

1. Amigos [+a, +e, -gs]
2. Amigos [+a, +e, -gs]
3. Um tal de livro mágico [-a, -e, -gs]
4. Um passarinho [+a, +e, -gs]
5. Fernanda [+a, +e, +gs]
6. A brucha [+a, +e, +gs]
7. A brucha [+a, +e, +gs]
8. Dois homens [+a, +e, +gs]
9. A planta [-a, +e, -gs]
10. Pati [+a, +e, +gs]
11. Jenny [+a, +e, +gs]
12. Tayson [+a, +e, +gs]
13. Os meninos [+a, +e, +gs]

3ª e 4ª séries

1. Uma professora [+a, +e, +gs]
2. O rei Plank [+a, +e, +gs]
3. Um menino maluco [+a, +e, +gs]
4. A companheira [+a, +e, +gs]
5. A Tiquinha [+a, +e, +gs]
6. A joaninha [+a, -e, -gs]
7. O guarda-chuva [-a, +e, -gs]
8. Esse guarda-chuva [-a, +e, -gs]
9. A baleia [+a, +e, -gs]
10. As duas filhas [+a, +e, +gs]
11. Cabelos [-a, +e??, -gs]
12. O amigo [+a, +e, +gs]
13. O Eduardo [+a, +e, +gs]
14. O cachorro [+a, +e, +gs]

Objetos nulos

1ª e 2ª séries

1. O livro [-a, +e, -gs]
2. Uma fita [-a, -e, -gs]
3. A bola [-a, +e, -gs] (ELIPSE DE VP)

4. O pau [-a, -e, -gs]
5. O pau [-a, -e, -gs]
6. O jogo [-a, +e, -gs]
7. O jogo [-a, +e, -gs]
8. O jogo [-a, +e, -gs]
9. Uma mágica [-a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
10. A água [-a, -e, -gs]
11. Uma caneca [-a, -e, -gs]
12. O búfalo [+a, -e, -gs]
13. O búfalo [+a, +e, -gs]
14. Os pedaços de pão [-a, +e, -gs]
15. O passarinho [+a, +e, -gs]
16. O brinquedo [-a, +e, -gs]
17. Uma torneira [-a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
18. O guarda-chuva [-a, +e, -gs]
19. Um chapéu [-a, -e, -gs]
20. Uma planta [-a, +e, -gs]
21. A folha [-a, -e, -gs]
22. Um peixinho [+a, +e, -gs]
23. Uma bolsa de médico [-a, +e, -gs]
24. Um esparadrapo [-a, -e, -gs]
25. Essa boneca [-a, +e, -gs]

3ª e 4ª séries

1. Pipa [-a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
2. Pipa [-a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
3. Pipa [-a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
4. A pipa [-a, +e, -gs] (ELIPSE DE VP)
5. Um amigo [+a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
6. Os pedestres [+a, +e, -gs]
7. A bola [-a, +e, -gs]
8. Uma princesa [+a, +e, +gs]
9. O dinheiro [-a, +e, -gs]
10. um castelo de areia [-a, +e, -gs]
11. duas bananas [-a, -e, -gs]
12. Aposta [-a, -e, -gs]
13. Um planeta [-a, +e, -gs]
14. O cachorro [+a, +e, +gs]
15. Um tubarão [+a, +e, -gs]
16. Parda Sisa [+a, +e, +gs]
17. Um segredo [-a, -e, -gs] (ELIPSE DE VP)
18. O sol [+a, +e, -gs] (personagem de história)
19. Uma árvore [-a, +e, -gs]